

Elisângela Santos de Amorim
José Fernando Manzke



Representações & Memórias de Professoras

Um Estudo das Relações Sociais de
Gênero de Mulheres Camponesas



A obra partiu do seguinte problema científico: Como as professoras de assentamentos de Reforma Agrária representam e ressignificam os aspectos do passado e como se dá a influência destas no universo profissional, considerando as relações de gênero, etnia e classe que perpassam pelos sujeitos que fazem a escola? Para isto, nos direcionamos a partir do objetivo geral: Compreender como as professoras de assentamentos da Reforma Agrária representam e ressignificam os aspectos do passado e como se dá a influência destas no universo profissional, considerando as relações de gênero, etnia e classe que perpassam os sujeitos que fazem a escola. E perseguimos os objetivos específicos, voltados para: Identificar através das memórias das professoras situações que marcaram sua profissão docente; Analisar as representações das mulheres-professoras rurais em seu cotidiano de assentada e educadora; Desvendar o universo profissional das professoras tendo como referência o contexto social, entrecruzando o pessoal, o interpessoal e o institucional; Relacionar as condições de gênero, etnia e classe na percepção de sua construção da identidade social das mulheres-professoras.



Representações e memórias de professoras

Representações e memórias de professoras

Um estudo das relações sociais de gênero
de mulheres camponesas

Elisângela Santos de Amorim
José Fernando Manzke



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AMORIM; Elisângela Santos de; MANZKE; José Fernando

Representações e memórias de professoras: um estudo das relações sociais de gênero de mulheres camponesas [recurso eletrônico] / Elisângela Santos de Amorim; José Fernando Manzke -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

69 p.

ISBN - 978-85-5696-754-1

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Docência; 2. Ensino; 3. Educação; 4. Pedagogia; 5. História; I. Título.

CDD: 371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores, métodos e disciplinas

371

Sumário

1	9
Introdução	
2	11
Pressupostos teóricos e metodológicos	
2.1 Aproximações teóricas sobre história oral e memória na investigação.	11
2.2 O Caminho Percorrido	14
3	20
Representações sociais no estudo das relações de gênero	
3.1 Quem são as mulheres professoras e o professor, protagonistas desta pesquisa.	21
Considerações finais	65
Referências	68

Introdução

A problemática ligada à condição feminina de mulheres professoras de assentamentos de Reforma Agrária, sua construção da identidade social de gênero, seu comportamento, seus discursos – sejam eles informais, em casa, na roda com amigos ou formais, como em sala de aula, estiveram presentes na nossa linha de investigação desde os primeiros trabalhos desenvolvidos nas áreas de assentamentos no Estado do Maranhão, mais especificamente na região Tocantina. Através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, Convênio EJA/Tocantins/UFMA, e como resultado deste trabalho, elaboramos a Tese de Doutorado, com o título *Propuesta Curricular para la Educación de Jóvenes y Adultos Campesinos en Asentamientos de la Reforma Agrária*, e mais recentemente a pesquisa *A mulher-professora de assentamento da Reforma Agrária: Uma escrita que se faz história*, por ocasião do financiamento CNPQ, edital 57/2008, concluída em 2010.

O presente estudo ampliou nossa investigação no espaço rural, por tratar de um espaço historicamente excluído dos estudos científicos e que só recentemente tem tido atenção por parte das agências governamentais.

A pesquisa partiu do seguinte problema científico: Como as professoras de assentamentos de Reforma Agrária representam e ressignificam os aspectos do passado e como se dá a influência destas no universo profissional, considerando as relações de gênero, etnia e classe que perpassam pelos sujeitos que fazem a escola?

Para isto, nos direcionamos a partir do objetivo geral: Compreender como as professoras de assentamentos da Reforma Agrária representam e ressignificam os aspectos do passado e como se dá a influência destas no universo profissional, considerando as relações de gênero, etnia e classe que perpassam os sujeitos que fazem a escola. E perseguimos os objetivos específicos, voltados para: Identificar através das memórias das professoras situações que marcaram sua profissão docente; Analisar as representações das mulheres-professoras rurais em seu cotidiano de assentada e educadora; Desvendar o universo profissional das professoras tendo como referência o contexto social, entrecruzando o pessoal, o interpessoal e o institucional; Relacionar as condições de gênero, etnia e classe na percepção de sua construção da identidade social das mulheres-professoras.

Os resultados desta pesquisa foram organizados neste relatório em duas partes, a primeira se refere à fundamentação teórica e a opção metodológica dos estudos empreendidos para esta pesquisa, e a segunda parte, traz as narrativas das mulheres professoras e do homem professor que foram os sujeitos desta pesquisa para compreendermos os processos relacionados às suas trajetórias de vida e profissional.

Com este estudo não pretendemos esgotá-lo, mas apontar com seus resultados encaminhamentos para o desenvolvimento de ações da e sobre a condição de vida e profissional das trabalhadoras rurais da região Tocantina do Maranhão, camponesas e professoras na Reforma Agrária.

Pressupostos teóricos e metodológicos

2.1 Aproximações teóricas sobre história oral e memória na investigação.

Salvatici (2005), autora do artigo “Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres”, demonstra-nos a proximidade dos propósitos da história oral e a história das mulheres. Ambas estão voltadas para “dar voz” aos excluídos da história. Estes movimentos partem da ideia de resgate de uma história oculta: os historiadores buscaram inserir vozes “vindas de baixo” e as feministas em dar visibilidade para a participação das mulheres ao longo da história, por meio de uma reconstrução do passado. Este é o principal objetivo da pesquisa empreendida, dar voz a mulher-professora do campo, através da memória e de suas representações.

Embora a história oral seja tão antiga quanto à própria História, por ser a primeira espécie de história, segundo Thompson (1992), foi na década de 1960 que teve seu auge dentro dos estudos e pesquisas acadêmicas. Assim, o progresso da história oral na América Latina está ligado à influência da escola francesa dos *Annales*, que rompeu com uma visão da história dominada pelo exclusivismo político. Segundo Burke (1992), a história oral, apoiada pela *nova história*, tornou-se veículo para a história das mulheres e a pluralidade de seus grupos sociais (camponesas, operárias, professoras e escravas), encontrando legitimidade científica e condição de sujeitos históricos. Estes

referenciais criaram os alicerces para as pesquisas com mulheres, em especial, as mulheres professoras de áreas rurais.

Teórica e empiricamente as posições de Eugenia Meyer, Luisa Passerini, Mercedes Vilanova e Daphne Patai, e as tomadas de decisão em fazer uso da História oral e a fazer história das mulheres nos ajudam a pensar a própria adesão metodológica da história oral.

Para Meyer, “lembrar, evocar, recapitular, fazer presente, trazer à vista as lembranças, o passado longínquo ou próximo, se traduz em armas primordiais contra o esquecimento, nesse esforço fundamental de lutar contra os espectros que sustentam a memória impedida” (2009, p.33). Assim, há um combate permanente, para não se esquecer, de tal forma que a memória esteja presente e viva, construindo histórias diversas e plurais.

Mercedes Vilanova crê que, para o mundo dos incapacitados ou dos enfermos, para o mundo dos analfabetos e para as culturas orais, a história oral é a única que aproxima. Para ela, é somente nas margens que a história oral alcança a força da denúncia social.

A utilização da história oral contribuiu decisivamente para a escrita de uma história que possibilitou a visibilidade das mulheres como participantes e protagonistas de uma história encoberta pelos discursos e registros masculinos, uma vez que estavam excluídas dos documentos oficiais, considerados as únicas fontes válidas para a historiografia tradicional, conforme escreveu Salvatici, apoiada em Natalie Zamon Davis:

“a maior parte do que conhecemos nos é transmitida por homens [...] torna-se necessário isolar fontes variadas ainda produzidas por instituições, mesmo aquelas que permitem às próprias mulheres falar mais diretamente; por conseguinte, na esfera privada, por meio de cartas ou diários”. (p.30)

Corroborando com esta ideia, Michelle Perrot (2005, p. 10) nos diz, “as mulheres são feitas para esconder a sua vida”, e, em sua obra *As mulheres ou os silêncios da história*, focaliza as diversas instâncias, quer

pública, quer privada, que reiteraram e reiteram que o “silêncio é o comum das mulheres”. Com isso, a pessoa mulher subsistiu calada e, por consequência, esquecida da História. Por isto, para Perrot as mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer sua história e, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e viviam, e o que fizeram nestas circunstâncias.

A expansão das pesquisas com história oral e, esta com história das mulheres, trouxeram a tona questões pertinentes à memória, significado e representação numa perspectiva de gênero. O avanço dos dois campos de estudos, história oral e história das mulheres, convergiram para o desenvolvimento de metodologias e interpretações. Salvatici destaca que o ponto central no desenvolvimento de ambos foi o reconhecimento da dimensão subjetiva trazidas pelas vozes até então ocultas.

Para Luisa Passerini, a conceituação de subjetividade constituiu o impacto mais significativo que a história das mulheres teve na história oral. Esta mudança teve como marco a década de 1980, quando a subjetividade de fontes orais passou a ser vista como um sinal de força vital para a modificação da consciência histórica.

Portelli (1996) nos ajuda a compreender o lugar da subjetividade nestes estudos. Para ele a subjetividade, ou seja, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e a própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Para este autor, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Enquanto pesquisadores, nossa tarefa é a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. “Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais” (1996, p.2). A história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências

comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo o momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis.

Neste sentido, para Patai (2010), o ato de contar uma história de vida envolve uma racionalização do passado conforme ele é projetado e levado a um presente inevitável, possibilitando que uma versão especial da história de vida de alguém possa tornar-se um componente essencial do senso de identidade em um dado momento. Pois, do imenso depósito de memórias e reações possíveis evocadas pela situação de entrevista, o entrevistado seleciona e organiza certos temas, episódios e lembranças, então comunicados de maneira particular.

Desta forma, a memória em si é gerada e estruturada de maneira específica, em função da oportunidade de contar uma história de vida e das circunstâncias em que isso acontece. Em outro momento da vida, ou diante de outro interlocutor, é provável que surja uma história bem diferente, com ênfases diferentes.

Esta pesquisa, portanto, ao trabalhar com memórias e representações sociais, ambas por meio da história oral, cumpre um papel que julgamos fundamental enquanto pesquisadoras/es em gênero e feminismos, qual seja: dar visibilidade as vidas das mulheres professoras, e neste caso, especificamente as do meio rural. Esse meio geográfico “rural”, ou político “campo”, passa na atual conjuntura por profundas mudanças na sua esfera estrutural, como também na vida de seus atores.

2.2 O Caminho Percorrido

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu de forma intensiva durante os anos de 2011 e 2012. Para efeitos didáticos, organizamos a investigação em três etapas, nos seguintes períodos:

1ª etapa: Janeiro de 2011 a Dezembro de 2011

A experiência de pesquisas anteriores impulsionou-nos a realizar um levantamento preliminar das condições objetivas dos assentamentos, principalmente em relação ao acesso (estradas) a estas comunidades, como também, a disponibilidade das professoras em participar da pesquisa. As viagens que ocorreram neste período, portanto, tiveram esta finalidade.

Este levantamento foi realizado nas visitas às secretarias de educação dos seguintes municípios: Amarante, Buritirana e Estreito, no Estado do Maranhão. Cabe destacar que, houve por parte da equipe que realiza esta pesquisa interesse em alcançar os assentamentos localizados nestes três municípios, isto em função de conhecimentos sobre o “universo” de comunidades rurais existentes nos mesmos. No entanto, neste como em outros trabalhos, não obtivemos sucesso em relação ao apoio necessário para chegarmos a estas comunidades, seja por parte das Secretarias de Educação, seja por parte dos Sindicatos destes municípios. Visitas a estes, ocorridas na segunda fase da pesquisa.

Concomitante ao conhecimento de campo, a equipe de trabalho realizou estudos ligados à temática da pesquisa, com a participação das bolsistas e dos colaboradores, ocorridas no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA, da UFMA, sob a coordenação do Prof. Dr. José Fernando Manzke.

Nesta etapa, visitamos os Sindicatos dos três municípios, que abarcavam os assentamentos para a pesquisa. Por motivos os mais variados (reuniões e afastamentos de dirigentes para viagens etc.) não obtivemos apoio para acessar estes assentamentos, em razão da dificuldade de acesso, das distâncias e do calendário das escolas.

No decorrer destas viagens, fizemos contato com as Secretarias de Educação e os Sindicatos de municípios que estavam na rota daqueles já citados, foram eles: João Lisboa, Porto Franco e Senador La Rocque. Isto nos levou a redimensionar os municípios e respectivamente os

assentamentos para a realização da pesquisa. Cabe destacar que, nestes três últimos municípios tivemos apoio logístico como também em informações sobre a situação dos assentamentos e disponibilidade dos Sindicatos em participar da pesquisa. Neste sentido, além de visitarmos os assentamentos, realizamos entrevistas com sindicalistas de dois destes municípios.

No Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) do município de João Lisboa, contatamos a presidente do sindicato, que gentilmente nos apresentou um breve mapeamento e informações da acessibilidade aos assentamentos daquela região e nos colocou em contato com um professor leigo e trabalhador rural aposentado do assentamento Alvorada I, que se encontrava naquele momento no Sindicato. Com ele, agendamos uma viagem a este assentamento para o dia seguinte. Adiantamos que no dia seguinte, percorreremos 30 km de carro da sede do município de João Lisboa com o objetivo de chegarmos ao assentamento Alvorada I, no entanto, em função das chuvas que ocorriam naquele período, e a precária situação das estradas, não foi possível chegarmos ao destino. Obtivemos através dele, algumas informações pertinentes sobre a educação neste assentamento.

Visitamos o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Senador La Roque, onde falamos com o presidente que, de forma prestativa conversou com a equipe sobre o trabalho rural na região e também a situação das escolas nos assentamentos destes municípios que abarcam um totalidade de 8 (oito) assentamentos. O mesmo apoiou de forma logística e acompanhou a equipe ao assentamento Tabuleirão I. Tivemos a primeira visualização do assentamento, da Escola Municipal Nelson Gonçalves. Conversamos com a professora/diretora responsável pela escola, que aceitou colaborar com a nossa pesquisa. Cabe destacar que tivemos contato com a primeira professora deste assentamento, agora na função de sócia da associação e uma empreendedora da cooperativa do assentamento. Esta professora aceitou resgatar a história da educação no assentamento.

Neste período contatamos, ainda, as Secretarias de Educação dos municípios já citados: João Lisboa, Senador La Rocque e Porto Franco. Através das respectivas secretárias e assistentes fizemos um mapeamento da acessibilidade dos assentamentos e um agendamento para a realização de visitas posteriores.

No município de Porto Franco nosso contato se deu na Secretaria de Educação do município, onde fomos recebidos pela diretora e professora de um dos assentamentos do município. Nesta conversa obtivemos as informações necessárias sobre o acesso aos assentamentos e decidimos fazer uma visita ao Assentamento Maravilha, no qual ela é atualmente a gestora. A visita ao assentamento coincidiu com uma reunião de planejamento mensal, quando tivemos contato com 6 professoras, sendo que 4 (quatro) destas moram e trabalham no próprio assentamento, destacamos destas, 1 (um) homem professor e produtor rural.

A seleção das mulheres-professoras para a pesquisa deu-se através de alguns critérios anteriormente definidos como: ser professora graduada ou graduanda de ensino superior; morar e trabalhar no assentamento; ter vínculo familiar com as questões sociais dos assentamentos e, por último, a disposição de participar da investigação e contribuir para o registro da história das professoras em suas trajetórias educacionais.

Em síntese, nesta etapa conseguimos alcançar os objetivos iniciais em relação à definição do campo e aos consentimentos das professoras em conceder as entrevistas que nos permitiram compreender como *representam e ressignificam os aspectos do passado e como se dá a influência destas no universo profissional, considerando as relações de gênero, etnia e classe.*

2ª etapa: Janeiro de 2012 a Julho de 2012

Após o primeiro ano de desenvolvimento da pesquisa e das idas e vindas aos municípios que compõem nosso lócus de pesquisa, foi possível uma sistematização das informações coletadas e uma definição dos

sujeitos da pesquisa (06 professoras, 01 professor e 04 mulheres em posição de chefia nos sindicatos rurais). A partir disto, foram reservados momentos de planejamento dos instrumentos de pesquisa que delimitariam as questões norteadoras para a realização das entrevistas.

No mês de fevereiro de 2012, foram realizadas visitas e entrevistas com as 02 (duas) mulheres-professoras e 01 (um) professor da área de assentamento Maravilha, no município de Porto Franco, e 02 (duas) professoras do assentamento Tabuleirão I, no município de Senador La Rocque e, 01 (uma) professora do distrito de Jenipapo, município de Senador La Rocque. Neste período, foram realizadas também as entrevistas com as mulheres sindicalistas dos Sindicatos destes municípios para conhecer a sua atuação frente à educação nos assentamentos.

Em julho de 2012 realizamos a segunda etapa das entrevistas nestas áreas dos respectivos municípios para sanar dúvidas, fazer a leitura do que foi transcrito e obter a permissão de divulgação do que foi narrado.

As entrevistas que delimitaram o desencadeamento dos relatos de vida para a reconstrução de processos formativos de mulheres e homens professoras/es e das representações sobre ser professor/a, foram pautadas nos pressupostos e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica, e nesta com histórias de vida:

- O “saber” que se procura é de tipo compreensivo, hermenêutico, profundamente enraizado nos discursos dos narradores.
- Definição dos eixos da pesquisa que delimitaram o campo da investigação: *processos formativos e representação de ser professora/o.*
- Processamento e análise das entrevistas:
 - a) a transcrição foi à primeira versão escrita das informações, buscando reproduzir, com fidelidade, tudo que foi dito, sem cortes nem acréscimos;
 - b) conferência de fidelidade: recorrendo as entrevistadas, para conferir informações, solucionar dúvidas, eliminar possíveis erros, entre outras providências;
 - c) análise das entrevistas: o maior desafio da análise das entrevistas consiste no fato de, valendo-se das informações, construir evidências e estabelecer correlações e análises comparativas que possam contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados da melhor forma possível.

A interpretação das entrevistas, baseada em Delgado (2006), foi realizada levando em consideração as seguintes etapas:

- a) análise temática de seus conteúdos, a partir dos eixos da pesquisa;
- b) realização de nova análise das narrativas, de acordo com os eixos da pesquisa, objetivando compreender com maior profundidade o seu conteúdo, procurando, inclusive, entender sua especificidade;
- c) realização do agrupamento de um conjunto de entrevistas, no qual cada narrativa possa se constituir como unidade especial, e o conjunto deles possam ser cruzados, comparando-se as versões e as informações obtidas.

Estes procedimentos foram baseados nos estudos e pesquisas de Nóvoa, (1995); Goodson (1992); Abrahão (2001; 2004, 2006) Nóvoa e Finger (1988); Dominicé (1990); Pineau (1990; 2006); Nóvoa (1992); Catani et al. (1998) Josso (1995; 2002; 2006) e outros.

3ª etapa: Agosto de 2012 a Janeiro 2013

A última etapa desta pesquisa destinou-se a finalização das transcrições e sistematização das entrevistas, como também a Período reservado para a elaboração do Relatório, Sistematização e prestação de contas do Projeto de Pesquisa à agência financiadora, CNPq.

Representações sociais no estudo das relações de gênero

Apoiamos nossa decisão pelo uso da Teoria das Representações Sociais, a partir dos estudos de Arruda (2000) que dispõe de vários argumentos, quando se trata de articular as Teoria das Representações Sociais e as Teorias de Gênero, e apresenta as afinidades das duas áreas em três dimensões: a dos campos de saber, a conceitual-metodológica e a epistemológica.

Quanto ao campo do saber, destaca que ambas surgem de uma estreita relação com a realidade concreta, a exemplo do conceito de gênero, que nasce na profundidade do movimento feminista; a transição paradigmática, de quando ambas surgem, abre brechas para suas inserções que rompem com os padrões da ciência da época, como também com as normas dos campos científicos.

Quanto à dimensão conceitual das duas teorias, destina-se a revelar e conceituar aspectos de objetos que eram desvalorizados pela ciência, a mulher e o senso-comum; abrange como temas e objetos, como processo e produto, exigindo abordagens dinâmicas e flexíveis, atrevido metodologias criativas e interdisciplinares.

E quanto ao campo epistemológico, ambas tecem crítica ao binarismo que contrapõe natureza e cultura, razão e emoção, objetivo e subjetivo, pensamento e ação, ciência e senso comum. Desta forma, asseguram a importância das dimensões subjetiva, afetiva e cultural na construção do saber e nas ações humanas, como também a importância de considerá-las na construção do conhecimento e no fazer científico.

A TRS e a categoria gênero propõem teorias relacionais, ou seja, o objeto, e ou, tema só é conhecido em relação ao seu contexto. Quando nos propomos a estudar as representações sociais das relações de gênero de mulheres professoras em assentamentos da Reforma Agrária, buscamos conhecer como estas mulheres percebem como é ser homem e ser mulher em assentamentos da Reforma Agrária, e como as relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres vêm se construindo. Buscamos compreender como se deu o processo de escolarização e de formação inicial, principalmente em ser professora.

A nossa intenção foi estudar o fenômeno destas representações, em relação a sua objetivação e ancoragem, ou seja, procura-se compreender os processos geradores e mantenedores do conhecimento compartilhado pelas mulheres professoras sobre as relações de gênero e os impactos destas no cotidiano de suas vidas, na família, na comunidade e em outros espaços.

Cabe ressaltar que esta discussão e análise não ocorrem dissociadas de outras categorias que contribuem para o entendimento do processo de invisibilidade das mulheres. Neste sentido buscamos nos apoiar nos estudos de Femenias (2007), que defende que os mecanismos de inclusão e exclusão das mulheres têm sido atravessados pela diversidade étnica e cultural, incluído a religiosa, muitas vezes mascaradas como questões econômicas e de classe. Para esta autora, na maioria dos casos, a discriminação se potencializa em termos de sexo e etnia e a exclusão e invisibilidade de grupos não dependem apenas de diferenças de sexo e sim pelo seu pertencimento a certa etnia e cultura. A autora destaca que se impõe cada vez mais a intersecção sexo-etnia-classe como chave teórica.

3.1 Quem são as mulheres professoras e o professor, protagonistas desta pesquisa.

Nas andanças que antecederam o momento de diálogo e de entrevistas com aquelas que iremos apresentar neste momento, tivemos

contato e conversas com outras/os professoras/es. A decisão individual de participar da pesquisa, emprestando-nos suas histórias de vida, envolvem questões de cunho pessoal que estão ligadas às emoções que as lembranças fazem emergir, de uma forma ou de outra, conforme entendida pelos interpelados. Não é uma decisão fácil, é preciso dar o tempo necessário para que decidam pelo sim, ou pelo não.

Tivemos a permissão de 5 (cinco) professoras e de 1 (um) professor, para realizarmos as entrevistas. Todas atendiam os critérios estabelecidos no projeto de pesquisa, quais eram: ser professora de assentamento da Reforma Agrária, morar neste assentamento, ter vínculo familiar ou social com o assentamento. Obtivemos permissão para divulgar e refletir sobre suas histórias de vida, mas não na divulgação de seus nomes. Para isto, iremos nos referir a elas e a ele, com nomes fictícios.

Iniciamos com **JULIA**, 27 anos, casada, 3 (três) filhos, 2 (dois) meninos e 1 (uma) menina. É filha de trabalhadores rurais sem terra que em 1998 fizeram parte de um grupo de Sem-Terra e ocuparam o que hoje é conhecido como Assentamento Maravilha, a 42 km do município de Porto Franco.

ROMANA, 58 anos, casada e sem filhos, reside no assentamento Maravilha desde 1998, seu marido esteve presente no processo de ocupação desta área, era trabalhador sem profissionalização quando recebeu o convite para juntar-se ao grupo dos sem-terra. **ROMANA** era filha de quebradeira de coco, trabalhadora rural e teve durante toda sua vida uma relação bem direta com a vida rural, traz boas recordações da infância, quando teve que migrar, questão que será enfatizada mais adiante.

No assentamento Maravilha, contatamos um homem professor e produtor rural, ele nos concedeu momentos de seu tempo para nos contar um pouco de sua história. Ele é **JONAS**, 35 anos, casado, três filhos, um menino e duas meninas. É filho de trabalhadores rurais e reside no assentamento desde 1999, já atuando como professor.

No município de Senador La Rocque, realizamos as entrevistas com **PÉROLA**, uma jovem professora, 24 anos, trabalha no assentamento Tabuleirão I e morou no assentamento quando casada. Hoje, **PÉROLA** é separada e tem uma filha. **PÉROLA** é filha de professora, e sua mãe é mais uma protagonista de nossa investigação, **RUBI**, 48 anos, casada com trabalhador rural, e com 6 (seis) filhos, 3 (três) homens e 3 (três) mulheres.

Para compreendermos um pouco sobre a história da escola no assentamento Tabuleirão I, conversamos com a primeira professora da escola, que antecedeu a professora **PÉROLA**. **ESMERALDA** é uma militante pela causa social e educacional do assentamento, atua junto à cooperativa que ajudou a fundar naquela comunidade. Mantém intercâmbios com as agências de financiamento para fomentar cursos de capacitação e aquisição de materiais para a cooperativa. É divorciada e criou com seus esforços 5 (cinco) filhos, 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres.

Desde grupo podemos destacar duas gerações que caracterizam o processo de acesso a escola. A primeira é destacada pelos percursos de **ROMANA**, **RUBI** e **ESMERALDA**, mulheres que nasceram no meio rural e representam as dificuldades que as mulheres, e estas em particular, enfrentavam para ter acesso a escola. A segunda geração, **JULIA**, **PÉROLA** e **JONAS**, é mais jovem e mesmo tendo nascido em distritos rurais, teve acesso à escola e relativamente um percurso escolar regular. As particularidades destas novas gerações serão trabalhadas a seguir.

3.1.1 Processos formativos das Mulheres professoras e homem professor.

No assentamento Maravilha, município de Porto Franco - MA, possui uma escola municipal construída e bem conservada, funciona da Pré-Escola ao 9º ano do Ensino Fundamental é pertence à rede municipal de ensino do município. Esta possui 9 (nove) professores,

sendo 3 (três) contratados e 6 (seis) concursados; destes, 5 (cinco) moram no próprio assentamento. Como já falamos anteriormente, tivemos a aceitação de 2 (duas) professoras e 1(um) professor para participar da pesquisa: **JÚLIA; ROMANA E JONAS**.

JÚLIA chegou ao assentamento Maravilha com 13 anos de idade, em 1999, após um ano de seus pais já residirem no assentamento, pois estes estiveram presentes no processo de ocupação daquela área, em 1998. **JÚLIA** permaneceu com sua avó no distrito de Campestre, município de Porto Franco, para não desistir da escola. Como mencionou em sua fala, é a mais nova de 4 (quatro) irmãos, 3 (três) mulheres e um homem. Ela foi a única que deu sequência aos estudos, já que naquele momento não havia escolas no Assentamento. Em Campestre estudou até a 5ª (quinta) série do Ensino Fundamental (correspondente hoje ao 6º ano). **JÚLIA** relembra esse processo de mudança.

[...] aí eu já vim pra cá, quando surgiu a escolinha aí [no próprio assentamento] eu tive a oportunidade de voltar a estudar, era até o avanço escolar nesse tempo, aí eu vim estudar aqui tinha uns 14 anos... Com 15 anos eu me casei.

JÚLIA casou-se com um filho de trabalhador rural, do mesmo assentamento, mudança que não a impediu de prosseguir os estudos. A mesma relata que sempre teve apoio do marido para estudar, ela pelo contrário, que às vezes pensava em desistir.

A 5ª (quinta) até 8ª (oitava) série [fiz o avanço escolar, tipo supletivo] aí quando terminei de quinta a oitava, em um ano e meio, aí fui estudar a telessala¹, com 17 anos.

Durante esse processo de escolarização, como explicitado por ela, **JÚLIA** teve duas gestações, de dois meninos, conciliando os estudos com

¹ Telessalas foi uma experiência de Ensino Médio realizada no Maranhão pela Secretaria Estadual de Educação, no período de 1999-2002, convênio do MEC com a Fundação Roberto Marinho, onde não havia a figura do professor mas, um monitor que através de vídeos em aparelhos de televisão transmitiam os conteúdos.

a vida de esposa e mãe. Cabe destacar que Júlia foi aluna do professor **JONAS**, que à época era professor da Telessala.

Naquele momento não havia alternativas para obter renda no assentamento, somente a produção da roça. Júlia relembra que não pensava em ser professora. Além disto, a escola naquela época era muito pequena e tinha professores contratados pelo município.

Assim, eu nunca me imaginava assim ser professora né, porque aqui num lugar desses sempre é mais difícil e já tinha professor, um ou dois professores, e a escolinha era pequena.

Em 2005, então com 20 anos, após três anos da conclusão do Ensino Médio, Júlia é convidada a ser professora na escola do assentamento. Isto coincidiu com a mudança de Prefeito no município de Porto Franco – MA. Como ocorre costumeiramente, há alteração no quadro de professores contratados.

[...] aí quando [houve] a mudança de prefeito mesmo, aí teve tirou uns, aí me chamaram, foi uma oportunidade né, eu já tinha meu segundo grau, eu não fiz o magistério, mas aí eu fui assumir... assumir uma salinha de 1º e 2º ano, logo de cara assim, assumi duas series, mas eu continuei de lá pra cá, logo. Depois de nem um ano eu comecei, logo depois de trabalhar, comecei o magistério.

Começa uma nova fase na vida pessoal e familiar de **JÚLIA**. A oportunidade e a aceitação em ser professora trouxeram a ela novas possibilidades, e a mesma visualizava isto com entusiasmo. A política educacional do município de Porto Franco incorporou à rede um Programa de Formação para Professores Leigos, o PRÓ-FORMAÇÃO². Foi a oportunidade para Júlia estudar o magistério e como a mesma explica, havia também disciplina do curso propedêutico do Ensino Médio.

O Pró-formação incluía o 2º grau com o magistério, aconteciam às aulas em Porto Franco, durante dois anos, de 15 em 15 dias, com as atividades para

² O Pró-Formação, oferecido pelos municípios habitava em nível médio professores par o magistério.

fazer em casa. [...] Alguns encontros eram intensivos e era preciso passar uma semana todinha, eram 10 dias.

JÚLIA relembra aquele momento com muitas alegrias, embora casada e com dois filhos, conseguiu frequentar normalmente o curso e teve muito apoio do marido que ficava com as crianças, quando não, com a avó.

Foi excelente pra mim, eu gostava de ir, quando terminou eu achei ruim demais. E meu marido me dava muito apoio. Se não fosse ele, acho que não tinha terminado nem o segundo grau, que eu tinha preguiça de primeiro, eu não preferia estudar não, eita. Aí ele ficava me dando força, eu terminei. Aí depois que eu comecei a trabalhar eu vi né, que o negócio era estudo mesmo, se eu não tivesse terminado eu não tinha conseguido.

JÚLIA reflete sobre seu percurso educacional quando, ainda mais jovem, não atribuía tanto valor a educação, estudava por estudar, mas às vezes tinha preguiça. O fato de ter dado sequencia aos estudos, muitas vezes, abandonando o serviço doméstico, lhe foi imprescindível para hoje perceber e avaliar a realidade de outra forma, seja como esposa, mãe e também professora. Concluiu o magistério em 2007 e então iniciou outra etapa, fazer um curso superior, Pedagogia.

Foi muito bom... O magistério, o Pró-Formação e aí concluí em 2007. De lá pra cá eu venho lutando pra fazer a Pedagogia. Fiz vestibular num Instituto Particular, comecei mas tive que desistir, fiz um ano. Precisava me deslocar todo dia e, foi quando engravidei da minha filha, a mais nova. Aí desisti de lá, estudei um ano lá. Depois tentei pela UEMA Net, também Pedagogia, fiz um mês e aí desisti, senti dificuldades com o uso das tecnologias. E por último fiz no Instituto particular e estou cursando. Aí eu estou aqui lutando pra ver se eu termino, falta mais de um ano.

A narrativa de **JÚLIA** demonstra as dificuldades enfrentadas quando se trata da busca por uma qualificação que a habilite para atuar como professora concursada, a Educação Superior. Em que pese os avanços da última década, esta não se reflete em algumas regiões, e em particular

para as pessoas que moram e trabalham em áreas rurais. Os esforços são na maioria individuais e familiares, seja para se afastar para estudar fora, seja para financiar esses estudos.

O município de Porto Franco, e respectivamente o assentamento Maravilha, guarda algumas particularidades. Neste, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST é presente e atuante, favorecendo a participação da comunidade em cursos de formação e capacitação, incluindo a Educação. A Prefeitura do município, da mesma forma, também está presente, representando que, mesmo com dificuldades, os professores conseguem dar sequência ao Curso Superior. Parte da mensalidade do curso de Pedagogia de **JÚLIA**, como dos demais colegas da Escola, **ROMANA** e **JONAS** é financiada pela Prefeitura, a outra é paga pelos próprios professores.

Uma das questões levantadas nas entrevistas com as professoras foi sobre as mudanças que a formação inicial e continuada traz para suas vidas e para a profissão. Existem elementos do passado que são refletidos durante o processo de formação e que favorecem mudanças nas suas práticas em sala de aula. **JÚLIA**, de forma simples explícita os “ganhos”, referindo-se aos conhecimentos adquiridos no magistério e no atual curso de Pedagogia.

Hoje eu consigo enxergar que a formação é um incentivo, quando temos as aulas, nos fins de semana, e escutamos os professores, lemos os autores, conseguimos entender melhor a nossa realidade, e orienta a trabalhar melhor com as crianças, lidar com elas. Cada professor, eu fico observando lá, conta uma história que eu não sei, e eu vou tirar as dúvidas, é muito bom porque é uma troca de conhecimento nesse curso. Fazer Pedagogia sempre é importante na vida de cada professor.

As mudanças acompanham o trabalho em sala de aula, mas influencia diretamente na forma como educa seus próprios filhos, **JÚLIA** esclarece:

Eu mudei muito até com os filhos da gente. A gente tem que saber educar de forma que não venha prejudicá-los, a educação de primeiro dos pais era completamente diferente. Hoje em dia é diferente, tem que saber educar. Mudou completamente, de primeiro qualquer coisa a criança apanhava, hoje não, tem que saber conversar com a criança, saber ensinar direitinho.

ROMANA pertence a uma geração de mulheres que tiveram muitas dificuldades para estudar; a vontade e o desejo pelos livros não se manifestava nas condições de acesso a escola. Migrou diversas vezes, com a mãe, que criou seis filhos depois da separação do marido. **ROMANA** nasceu no município de Colinas – MA, é filha de trabalhadores rurais e diz com orgulho que sua mãe foi quebradeira de coco. Migraram para o município de São Miguel, no estado do Tocantins, divisa com o Estado do Maranhão, quando a mesma tinha apenas 1 (um) ano de idade, na época que ocorreu a separação dos pais.

Realizamos as entrevistas na residência de **ROMANA**, no assentamento Maravilha, uma casa confortável, ampla, bem mobiliada e com uma pequena biblioteca. Estava sozinha, seu marido se encontrava no lote, realizando os afazeres agrícolas. De forma bem prestativa, foi nos falando de sua vida, às vezes com alguns esquecimentos que fazem parte do processo de rememoração, que podem estar ligados a bloqueios, em razão das adversidades, como a lapsos temporais.

No município de São Miguel – TO é onde inicia seus anos de escola, que se deu com 7 (sete) anos e recorda que já sabia ler, pois foi ensinada por suas irmãs mais velhas. A escola a que se refere, não era uma escola construída, as aulas aconteciam na casa da professora, não tinha cadeiras para todos, então era comum cada um levar, o que é conhecido como tamborete. Assim relembra **ROMANA**:

Eu iniciei, mais ou menos, com sete anos, que eu comecei com a escola. Era difícil, porque a escola não era muito perto, eu tinha que ir a pé, com a cadeirinha na cabeça, e ainda passava por cima, assim, de uma palmeira que ainda tinha, assim, uma grota antes de chegar lá. Aí a gente passava com uma cadeirinha na cabeça pra ir pra escola.

Este período para **ROMANA** foi divertido, apesar de relembrar que o professor era bem “bravo”. Gostava das leituras e das brincadeiras que se davam no percurso até a casa do professor. Já ajudava a mãe na quebra do coco, desde pequena.

Desde pequena quebrava coco, só nunca trabalhei foi de roça, morei na roça, mas até hoje eu nunca trabalhei de roça. Minha mãe sempre dizia, ela ia pra roça, mas as filhas mulher dela, ela nunca botou na roça. Os filhos homens ela levava, mas as mulheres não, porque ela ia, mas as filhas dela não.

A difícil realidade vivida pela mãe de **ROMANA** a fazia de alguma forma não querer reproduzi-la para suas filhas mulheres. É interessante que **ROMANA** diferencia a quebra do coco, do trabalho na roça, que para elas era muito mais árduo e sacrificante. Por outro lado, a mãe colocou as filhas desde muito cedo para estudar, embora à época não houvesse possibilidade de estudos posteriores, todas as mulheres frequentaram a escola, até a quarta-série, **ROMANA** foi à exceção.

ROMANA aponta que estudou até a quarta-série (equivale hoje ao quinto ano) em São Miguel – TO, porém não conseguia lembrar a idade que tinha ao concluir o Primário. Ficou um intervalo de alguns anos, até mudar-se para Imperatriz – MA, que, embora em outro Estado, fica próxima a São Miguel. Foi a convite do cunhado, marido de uma das irmãs, que aceitou o convite no intuito de retornar aos estudos.

Quando terminei a quarta série, fiquei parada, sem estudar, porque lá não tinha mais. Aí depois que meu cunhado foi embora pra lá, ele veio me buscar pra eu continuar os estudos lá.

O intervalo que se deu até o retorno à escola ficou em São Miguel e relembra: *Fiquei só trabalhando mesmo, quebrando coco pra sobreviver com minha mãe, eu fui criada praticamente, praticamente não, eu fui criada sem pai.* **ROMANA** hoje reflete a postura e decisão da mãe de criá-las sozinhas, não se casar novamente, batalhando para nunca faltar comida em casa. Tem na mãe uma guerreira e um exemplo de mulher.

Nós nunca passamos um dia sem comer e nem andava na casa de ninguém dizendo lá em casa não tem nada pra nós comer, graças a Deus ela foi uma mãe guerreira, guerreira mesmo. Ela disse que não ia arrumar marido, pois não ia deixar homem nenhum governar os filhos dela.

Em Imperatriz, com 23 anos, **ROMANA** faz uma prova para admissão para o quinto ano do Ensino Fundamental, antigo Ginásio, numa escola particular financiada pelo cunhado. Conseguiu concluir a oitava série na mesma escola, com boas notas e sem nenhuma reprovação. Durante esses anos, trabalhava apenas na casa da irmã, estudava durante o dia. Foi um período tranquilo. Três anos depois, com a oitava série já concluída, ocorreu uma mudança na vida de **ROMANA**, sua irmã e a família mudaram-se para o Recife – PE, e Romana decidiu ficar em Imperatriz. Com isto, muda-se para a casa de sua avó materna e começa a trabalhar como doméstica durante alguns anos, não se recorda quantos, ficando sem estudar. Somente muitos anos depois iniciou o Ensino Médio, na época curso Técnico em Administração, mas desistiu no segundo ano.

ROMANA relata que este período foi bastante conturbado, com muitas mudanças e desistências da escola:

Aí eu parei, e viajei, passei dois anos em Brasília-DF, passei dois anos lá, morando com uma prima minha, mas só em casa mesmo. Também não trabalhava fora, fui só pra passear, nesse passeio passei dois anos. No meu retorno a Imperatriz voltei a trabalhar como doméstica, tentei retomar os estudos e não obtive êxito, desisti novamente. Aí decidi, eu não vou mais estudar não, porque aí era só trabalhando em casa de família e tal.

Nesta época **ROMANA** situa que já namorava o marido e decidiram então se casar, e com suas palavras: *nesta época que eu já tava enrolada com o homem, mas aí era assim só enrolado mesmo, aí depois de tudo não, vamos casar logo e morar junto, aí casei em 1992.*

A chegada ao assentamento acontece seis anos após seu casamento, em 1998. Morou em Imperatriz, até este ano. Não voltou a trabalhar

fora, nem a estudar. Seu marido era um trabalhador que ora fazia serviços pesados, ora era contratado para serviços nas fazendas das redondezas, mas não tinha uma profissão definida. A mesma relembra aquele momento: *Aí continuei morando lá em Imperatriz. Aí depois foi que nós viemos pra cá. Primeiro ele veio, no tempo desse assentamento, tava esse povo aqui. Aí ele sempre tinha, assim aquela vontade de morar num lugar pra trabalhar de roça.*

A motivação do marido em juntar-se ao grupo que realizou a ocupação daquela área passava pelo desejo de um espaço de terra onde produzir, já que sem profissão e na cidade, o dia-a-dia torna-se cada vez mais difícil. Seu marido também era de Colinas – MA, não possuía um histórico que lhe rendesse créditos pelo trabalho rural, mas de alguma forma, a vida do campo foi presente em sua vida.

Ele trabalhava era em firma, quando ele não tava trabalhando em firma, ele trabalhava em outra coisa. Não trabalhava na roça, não. Mas depois que ele veio pra cá que ele se envolveu mais, e hoje é um trabalhador rural, trabalha pra ele, pra gente, e produz o necessário e às vezes ainda dá para vender alguma coisa.

A chegada ao assentamento para **ROMANA** devolveu a ela o que há anos tinha abandonado, a escola. A organização da ocupação e sua posterior regularização junto ao Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária – INCRA, como Projeto de Assentamento Maravilha, foi organizada pelo MST, como já mencionado, destacando-se pela sua organização política e demandas em relação à educação. Neste sentido, o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, em parceria com este movimento e a Universidade Federal do Maranhão, firmaram convênio através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Este programa é responsável pela elevação da escolaridade e alfabetização de grande parte da população rural em todo o país, e mais especificamente na região Nordeste, o Estado do Maranhão se destaca neste processo.

Este programa foi à porta aberta para **ROMANA** dar sequência ao seu processo de escolarização. Não mediu esforços para se adaptar às exigências do Programa, pois parte da formação ocorria em outro município, próximo a capital, São Luís. E lembra que aquilo mudou sua vida.

Cheguei aqui e fui estudar novamente, ainda fiz oitava série, repeti novamente porque tive a oportunidade pelo movimento na época, aí pensei, como faz tempo que eu parei, vou fazer de novo, aí fiz de novo sétima e oitava série. Era o PRONERA com os professores de São Luís.

ROMANA concluiu o Ensino Fundamental pelo PRONERA e na sequência a coordenação do Programa ofereceu em nível de Ensino Médio, o Magistério, que ela cursou e concluiu em 2005. Durante o magistério era necessário fazer parte das aulas também fora do assentamento. E lembra que às vezes precisava ficar dias e até meses longe de casa. Nada simples para uma mulher casada, que muitas vezes precisou conversar com seu marido para que o mesmo permitisse participar destas aulas, longe de casa.

No início até a primeira vez que eu fui ele não gostou não, até [silêncio]. Eu fui porque sempre eu fui uma pessoa assim determinada, eu nunca gostei de deixar assim as pessoas resolverem as coisas por mim, principalmente quando eu sei que vai ser uma coisa em benefício a mim e a outra pessoa. Quando foi pra eu ir pra lá a primeira vez assim, não foi nem no outro, foi já no magistério que ia demorar mais, 3 anos e aí passava dois meses, pra lá aí ele pensou na dificuldade ficar sozinho trabalhando de roça, não tu vai porque tu tá querendo ir, mas se fosse por mim, eu sei que se fosse por ti eu não ia, mas eu vou, hoje ele já me agradece, já pensou se você não tivesse ido [...] é exatamente por isso.

ROMANA se refere aos períodos difíceis de produção na roça, pois dependem de recursos públicos para o plantio, através de Programa do governo, como sementes etc. E muitas vezes a natureza não ajuda, ou chove muito ou não chove, o que compromete o plantio, quando não, a

colheita. E nestas épocas é seu salário de professora que mantém a renda da casa.

[...] infelizmente um ano nós perdemos a roça quase toda, já o arroz todo cortado, dentro da roça, nós só ficamos com o que tava dentro do saco, porque digo esse era o nosso, deu uma enchente, uma chuva carregou o arroz todinho que tava cortado.

Os assentamentos da Reforma Agrária estão vivenciando uma nova configuração em sua organização social e também econômica. As professoras neste sentido são as que se destacam, começam a enxergar no magistério uma oportunidade de emprego e também de renda. São elas que possuem maior escolaridade. **ROMANA**, antes de ser contratada pelo município para trabalhar como professora na escola do próprio assentamento, que ocorreu em 2005, já atuava como alfabetizadora no assentamento. Diz em seu relato:

[...] a primeira vez que eu comecei a trabalhar aqui, foi em 1999, como professora de jovens e adultos, que era justamente até pela UNESCO, era alfabetização em parceria também pelo MST. Ai eu sempre trabalhei, só que não era assim aquele trabalho como hoje, um trabalho formal, com vínculo, até que terminou porque era só um projeto com tempo determinado, aí terminou e parei.

Esta atividade de **ROMANA** ocorreu concomitante à conclusão do Ensino Fundamental e sua formação no Magistério. Em 2005, ano em que concluiu o Ensino Médio, foi convidada a trabalhar na escola do assentamento, como contratada pelo município.

Em 2005, abriu vaga para a escola, em função da mudança do Prefeito de Porto Franco. Nesta época a escola funcionava de forma improvisada, numa casinha, sem nenhuma infraestrutura. Foi aberto vagas, pois demitiram os que estavam, e de certa forma já trabalhava aqui e eles já me conheciam.

A secretaria de Educação do município de Porto Franco, na seleção dos professores para as áreas rurais, deu preferência para professores

que moravam no próprio assentamento. A equipe anterior era formada somente por professores de Porto Franco, o que dificultava a presença em dias de chuva, ou mesmo por faltarem muito sem explicações. O que justifica **ROMANA**:

Os que trabalhavam antes eram de fora do assentamento, de Porto Franco. Daqui mesmo tinha só tinha um, e havia muita dificuldade no deslocamento da cidade para cá, o prefeito quis mudar o sistema e ficou bem melhor. E então fui contratada.

Atualmente **ROMANA** trabalha do sétimo ao oitavo ano, no período da tarde, com a disciplina de Português, e a noite com Educação de Jovens e Adultos – EJA, com o 1º ciclo, que corresponde a primeira e a segunda série. **ROMANA** diz que possui um bom relacionamento com os adolescentes, que são seus alunos. Todos são do assentamento e também filhos de trabalhadores das fazendas que ficam nas proximidades. Pelos anos de experiência tem percebido que os mesmos buscam dar sequência aos estudos, cursando o Ensino Médio em Porto Franco e tem visto progresso em suas vidas. Sobre a turma dos adultos, a mesma destaca que é uma turma muito animada, todos os alunos são moradores do próprio assentamento, em torno de 17 alunos. E diz que está funcionando bem. A alfabetização de Jovens e Adultos também funciona no assentamento, através do Programa Brasil Alfabetizado e pela Secretaria de Educação do município.

JONAS é professor, cursa Pedagogia, mas desde nosso primeiro encontro, fez questão de destacar que também é produtor rural. Filho de trabalhador rural, seu pai sempre trabalhou na roça, contratado pelos fazendeiros da região, mas os filhos permaneciam num povoado com a mãe, para que pudessem estudar. No caso de **JONAS**, foi em Campestre, distrito de Porto Franco. Iniciou a escolarização com sete anos de idade e estudou regularmente em três escolas de Campestre, até o Ensino Médio, fez magistério e concluiu em 1997. **JONAS** relata sobre sua decisão de fazer magistério: *Foi por opção, eu tinha um sonho de ser professor, de*

trabalhar com criança e aí naquela época, não tinha outra coisa em Campestre, só o magistério mesmo, então era tratar de fazer o curso.

Seu pai fez parte do grupo que realizou a ocupação do hoje conhecido assentamento Maravilha, com o desejo de ter seu próprio chão para plantar e colher. **JONAS**, após concluir o magistério, assumiu como professor na zona rural do município próximo ao dele, Ribamar Fiquene – MA.

Aí, depois do Magistério, eu terminei o Magistério em 1997, aí logo, eu estava desempregado, surgiu a oportunidade de trabalhar de primeira a quarta série. Eu estava substituindo a professora, passei quatro meses substituindo a professora lá em Campestre, na época eu tinha já 22 anos. Aí em 98 tava precisando de um professor no sertão, que hoje é a cidade Ribamar Fiquene né, é 10 km da cidade né, surgiu uma oportunidade de assumir uma escola lá, como professor e como diretor eu passei um ano lá em Ribamar Fiquene, foi em 1998.

Em 1999 mudou-se para assentamento Maravilha, nesta época seus pais já fixavam moradia neste assentamento.

Em 1998 minha família veio pra cá, para o acampamento Maravilha, como não tinha opções lá, o pai trabalhava só com roça mesmo. A Caiman [destilaria da região] tomou de conta daquelas terras todas, aí não tinha como botar roça. Aí eles vieram pra cá, fiquei trabalhando em 1998 lá e eles vieram pra cá né. Aí, como tava dificuldade demais pra mim, chegava não tinha ninguém e a família tava toda pra cá, aí não teve como eu ficar lá, aí eu vim pra cá, aí em 1999 e comecei a trabalhar.

Para **JONAS** um dos maiores desafios veio a seguir, ou seja, quando chegou no assentamento surgiu a oportunidade de assumir o Ensino Médio. Naquela época no Maranhão foi implantada a Telessala, programa do Governo do Estado em parceria com a Fundação Roberto Marinho da rede globo. Todo o ensino médio virou supletivo, inclusive o regular. As aulas eram em televisor com vídeocassete e havia apenas um monitor por sala que coordenava o uso dos recursos tecnológicos. **JONAS** fala sobre este momento:

De 1999 a 2000 trabalhei aqui com o Telessala. Na época ainda que a governadora Roseana implantou funcionou aqui mesmo no assentamento. Eram todas as disciplinas, não foi fácil, tive que estudar muito, a matéria que tive mais dificuldade foi Inglês. Trabalhei dois anos neste sistema. Mas mesmo com estas dificuldades, alguns alunos meus se animaram e continuaram os estudos. Hoje são professores e fazem Pedagogia.

A motivação de **JONAS** pelo seu trabalho, apesar das dificuldades, foi perceptível durante as entrevistas. Característica de uma nova geração que por conhecer as vicissitudes da vida, sabe valorizar as oportunidades. Após este período na Telessala, que para ele foi de aprendizagem, pois precisou estudar muito para tirar dúvidas dos alunos, ele retornou ao Ensino Fundamental de primeira a quarta-série, na escola do assentamento. Trabalhou durante seis anos como contratado e em 2005 fez concurso pela prefeitura de Porto Franco e hoje é professor do quadro efetivo da escola Maravilha.

Hoje eu trabalho do sexto ao nono ano, Com Ciências e Artes. Quando entrei, eu não gostava muito de Artes assim, aí a gente vai trabalhando, vai acabando se apaixonando pela disciplina. Na disciplina de Ciências desenvolvemos muitas atividades como gincanas, feira de ciências, essas, qualquer coisa, essas coisas assim eu estou a frente. Aí os alunos gostam de uma pessoa assim que seja motivado pra tá fazendo [...]

JONAS está atualmente no quinto período de Pedagogia, por um Instituto particular, é colega de **JÚLIA** e de **ROMANA**, a previsão de colação de grau é para o final de 2013. Mas, como falamos anteriormente, ele também é produtor rural e, todos os anos, consegue tirar uma boa renda do que produz. Para venda externa tem se destacado a produção de inhame. No entanto destaca que, esta renda é extra, pois a principal vem de sua atividade como professor: *Eu faço plantio no meu lote, de 25 hectares, todos os anos nós plantamos, arroz, milho e inhame. Agora mesmo nós vendemos oito mil e poucos quilos de inhame e hoje eu mandei pegar mais, vai dar uns doze mil quilos de inhame.*

No município de Senador La Rocque – MA, **PÉROLA** é uma jovem professora de 26 anos, que mora atualmente no distrito de Jenipapo, e trabalha no assentamento Tabuleirão I, que fica 42 km de distância da sede do município, de estrada carroçável e localiza-se numa chapada. A professora faz este percurso todos os dias em sua moto desde 2009, quando se separou de seu marido à época, até então moravam no próprio assentamento.

PÉROLA é filha de professora, então desde muito cedo teve contato com os livros e com a escola. Iniciou seu processo de escolarização aos 7 anos de idade. Ela relembra daquele momento: *Com sete anos comecei a estudar, aqui mesmo, na Unidade Escolar Edson Lobão, aqui de Jenipapo. Minha mãe era professora lá. Estudei normalmente e nunca fiquei reprovada.*

Em relação a ficar reprovada, em sua narrativa **PÉROLA** esclarece que repetiu um ano, não por ficar reprovada, mas porque sua mãe assim decidiu, por entender que ela ainda não sabia ler o suficiente para seguir adiante, e assim fez novamente à segunda série, hoje terceiro ano. Esta atitude demonstra seriedade e compromisso de sua mãe com os anos seguintes de estudos da filha.

Desta forma, **PÉROLA** frequentou normalmente a escola, e concluiu a antiga oitava série do Ensino Fundamental com 15 anos. Aos 16, iniciou o Ensino Médio, no município de Senador La Rocque, com deslocamento diário. Estudou por dois anos e sofreu uma interrupção, não chegando a concluí-lo. Diz em seu relato:

Aí no terceiro ano do ensino médio eu casei, aí parei o Ensino Médio científico. Fui morar com ele no assentamento Tabuleirão I, isto em 2007. Aí retornei, mas preferi fazer o Magistério, no Jenipapo mesmo, na Escola Reginaldo Lopes, era uma extensão da turma de Senador La Rocque.

PÉROLA sentiu-se motivada a estudar o magistério após sua mudança para o assentamento Tabuleirão I, isto se deu pelo fato de sua sogra, ter sido professora muitos anos naquele assentamento. Embora

ainda não houvesse uma escola construída, a Prefeitura de Senador La Rocque, através da Secretaria de educação, mantinha um professor contratado para atender as crianças e os adolescentes filhos dos trabalhadores rurais. Havia por parte da comunidade muita insatisfação com o trabalho deste professor, que morava em Senador La Rocque e este faltava a muitos dias de aulas e não dava nenhuma explicação. Sua sogra e também participante da associação dos pequenos produtores do assentamento Tabuleirão I, junto com os associados resolveu tomar providências, entre elas, mudar aquele professor.

É neste momento que **PÉROLA** entra em cena, decidindo voltar a estudar e fazer o Magistério, para ter a habilitação mínima para ser professora. Diz em sua narrativa:

Pra eu trabalhar como professora eu tinha que ter o Ensino Médio completo e de preferência o Magistério. E foi o que eu fiz, mas assumi a turma antes de concluir. Estou trabalhando como professora desde 2006, e conclui em 2008, já estava grávida de minha filha.

O fato de assumir uma função para há qual não estava devidamente habilitada, foi uma preocupação para **PÉROLA**, mas obteve o apoio necessário daquela comunidade, pais, mães e de sua sogra. A vida de professora era uma realidade bem conhecida de **PÉROLA**, afinal acompanhava em casa o dia-a-dia de sua mãe, as alegrias, mas também as dificuldades da profissão. Não foi um acaso ser professora, mas aconteceu. **PÉROLA** relembra os conselhos de sua mãe quando de sua decisão:

Assim, no início, a mãe me disse para pensar bem, “filha veja outro meio”, mas eu precisava de um emprego, foi a oportunidade que surgiu e aí eu abracei né, e até hoje estou trabalhando. E hoje ela me incentiva muito e reclama no dia que eu não quero ir, ou então tem algum problema, aí a mãe diz, “não, tem que ir, tem que ir, porque é teu trabalho, porque trabalhando direitinho todo mundo vai gostar” e é assim mesmo. Eu vi que é porque eu sempre falo que o apoio maior que eu tenho é deles lá.

Estes momentos de desânimo estão relacionados com seu contrato como professora pelo município de Senador La Rocque; a construção da escola que nunca foi concretizada, e ao atraso na entrega da merenda escolar e dos materiais didáticos. Apesar de ser formal, a Prefeitura por meses o pagamento, chegando a seis meses de atraso. Ela não é remunerada pelos dois turnos de trabalho, pois precisou entrar em acordo com a Secretaria de Educação, para dividir as crianças menores, das maiores. Então pela manhã, ela atende crianças da pré-escola até o primeiro ano, e na parte da tarde, as crianças do segundo ao quarto ano. A escola funciona numa casa da vila do assentamento, muito pequena, e seus cômodos são divididos em 1 sala de aula, 1 cozinha e 1 sala que seria uma secretaria. É uma promessa antiga de vários prefeitos a construção da Escola Municipal Nelson Gonçalves.

O atraso na chegada da merenda escolar na maioria das vezes acontece pelo péssimo acesso ao assentamento, o próprio motorista da Secretaria de Educação se recusa. Já aconteceu de ele deixar na residência da mãe da professora **PÉROLA** (42 km de distância), para que ela mesma a levasse de motocicleta. Esta questão foi discutida e após algumas denúncias, hoje eles já fazem a entrega até o assentamento.

PÉROLA iniciou o curso superior em Pedagogia, logo após nosso primeiro contato. A mesma contou que após alguns anos que havia feito a adesão ao um programa de formação de professores, em parceria com o município, em março de 2012, veio a notícia que o programa iria funcionar em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão. E **PÉROLA** foi uma das contempladas. Está feliz e radiante com esta conquista.

Na Secretaria tem uma funcionária que me dá muito apoio, ela sempre entra em contato comigo quando surge alguma coisa, ela liga pra mim e me fala “Vai ter o curso tal, é bom tu fazer vai ser de graça, tu não vai precisar pagar”. Aí veio esse de Pedagogia, fui lá na Secretaria, ela foi, falou que tinha, e eu me inscrevi. Ela mesma fez a inscrição, pois lá na Secretaria tinha todos meus documentos e informações. Havia outros cursos, Filosofia, Matemática, aí como eu via a mãe fazendo Pedagogia, a mãe começou, não

deu certo, parou, depois começou de novo, terminou, aí eu escolhi Pedagogia. Aí fiz, aí ela me inscreveu e já iniciamos, as aulas são na UEMA, em Imperatriz.

A professora **RUBI** é mãe de **PÉROLA** e nosso contato se deu em virtude da filha e, depois de alguns minutos de conversa com **PÉROLA**, percebemos a preciosidade que era sua mãe, e a equipe da pesquisa, resolveu incluí-la. Com sua permissão, conversamos com Rubi debaixo de uma grande mangueira no terreiro de sua casa, no distrito de Jenipapo.

Filha de trabalhadores rurais, nasceu em Codó – MA, e, junto com os pais, migrou para o sudoeste do Estado do Maranhão, em busca de chão para plantar. Chegou a Jenipapo, com 10 anos de idade, isto em 1974, quando iniciou seu processo de escolarização, até então não tinha frequentado a escola. **RUBI** relembra como foram seus primeiros anos de estudos.

Aqui pertencia a João Lisboa na época e não tinha escola pública. A gente estudava assim, debaixo de árvore e a gente levava seu tamborete, levava na cabeça, ia pra casa da professora.

RUBI relembra como era difícil ter aulas todos os dias, e com o mesmo professor o ano inteiro. Era comum, alguém que morava na mesma localidade e que tivesse uma escolarização maior, ser o professor ou a professora.

[...] qualquer pessoa que tivesse lá na cidade que soubesse ler e escrever, aí chegava aqui já era professor da gente. Aí a gente começou assim estudando dessa forma, não tinha uniforme para os alunos, professor passava dois, três meses ia embora. Aí o representante andava a procura de outro, aí a gente continuava assim, nunca terminava o ano letivo só com um professor. Quando a gente chegava na quarta série, na época era quarta série, aí encerrava, aqui já não poderia mais estudar, aí tinha que sair pra outro lugar. Como meus pais não deixavam sair, porque eu era filha única.

A vida escolar de **RUBI** foi interrompida por alguns anos, em função de não poder se deslocar para outro lugar onde pudesse dar sequência aos estudos, como em João Lisboa ou Imperatriz, cidades próximas. **RUBI** concluiu a quarta série, com 15 anos de idade, e como não iria prosseguir, continuou durante cinco anos repetindo a quarta série, mas se recusava a sair da escola. Com esta persistência, seus pais resolveram enviá-la para estudar em Imperatriz, mas não deu certo, e **RUBI** retornou ao seu interior.

Da escola eu não saía, aí os professores começaram, assim, a me convidar pra eu escrever nos cadernos dos alunos, aí eu ficava assim ajudando eles. E dali eu acho que eu comecei já assim a vocação pra trabalhar em sala de aula. Quando foi no ano de 1982, aí foi que papai me deixou ir estudar em Imperatriz. Lá eu estudei até na Escola São Vicente de Paulo, na época era particular a escola. Aí, como eu passei um ano de sofrimento lá na casa de um primo meu, sofrimento assim, porque a gente nas casas por mais que trabalhe, não satisfaz a dona da casa. Aí eu parei.

Após este período de insucesso, **RUBI** não voltou à escola. Alguns anos depois se casou com um trabalhador rural de seu povoado. Tornou-se dona de casa e teve 6 filhos, sendo três homens e três mulheres. E relata como foi seu retorno à escola, depois de muitos anos.

Anos depois me iludi por um casamento. Aí casei, aí foi só aparecendo filho e eu parada sem estudar. Quando foi no ano de 1997, aí eu vi que a necessidade tava grande, eu disse, eu tenho que procurar um jeito de estudar. Apareceu o “escolar”, que vinha pegar alunos aqui e levava até Imperatriz, mas como minha escolaridade era baixa eu ficava em Senador La Rocque. Aí ficava lá, saía daqui às cinco e meia, cinco e quarenta no ônibus e estudava à noite no EJA, na época era o EJA. Aí fiz, repeti a quinta série pra poder pegar quinta e sexta. Em 1998 fiz a sétima e oitava e consegui concluir o ensino fundamental.

O desejo pelas letras era latente em **RUBI**. Após muitos anos, retorna a escola e consegue desenvolver-se prosseguindo nos estudos. Os

filhos contavam com o apoio do marido que a noite estava em casa para cuidá-los. A mesma enfatiza a importância dele naquele momento.

Ele me estimulava a estudar, ele ficava com os meninos, e eu chegava. Às vezes, tinha noite de chegar às duas horas já da manhã, porque o ônibus quebrava na estrada e a gente tinha que vir a pé. Mas ele sempre apoiou, meus pais também, sempre me apoiaram e meu filho mais velho também, de vez quando pensava assim em desistir, aí ele dizia assim, mãe, mas se a senhora parar a senhora vai perder seu emprego? Aí eu dizia sim, se eu parar de estudar eu perco o emprego, “não mãe, a senhora vai, deixa nós aqui, que nós, o pai com a gente”. Assim, quando eu lembro, assim eu fico emocionada.

Nesta narrativa, **RUBI** já faz menção ao concurso público que fez e foi aprovada. A pretensão era fazer para serviços gerais, mas encontrou um “anjo” que lhe deu uma oportunidade e ela agarrou com todas suas forças.

Aí apareceu um concurso público, eu fui fazer esse concurso, inclusive, eu entrei na fila de, na época era merendeira e zeladora, não tinha o nome de serviço, auxiliar de serviços gerais. Aí contamos com o apoio de um amigo que trabalhava na Prefeitura e tinha uma certa amizade assim pela gente. A gente já se conhecia há muito tempo, aí ele pediu que a secretária de educação, permitisse que eu fizesse a prova para professora nível 1, mas o mesmo disse que aquela oportunidade era para eu aproveitar e não desistir de estudar. Aí eu entrei na fila dos professores, fiz a inscrição nível 1, e fiz a prova e fui aprovada no concurso.

RUBI cumpriu o que prometeu, logo depois de sua aprovação deu início ao curso de Magistério, nos fins de semana.

Durante o Magistério deixava eles [os filhos] em casa, trabalhava de segunda a sexta e sábado e domingo ia fazer o Magistério. E# eles ficavam aí. Eu dizia, ficam aí com o pai e os maiores cuidando dos menores. Foi outra luta, mas que venci, pois consegui concluir o magistério.

A conclusão do Magistério deu a **RUBI** à estabilidade no emprego, pois sua habilitação fazia jus ao nível que foi concursada. Mas, **RUBI** não parou no magistério, tentou várias vezes a seleção para o curso de Pedagogia, pelo programa de formação de professores da Universidade Estadual do Maranhão. Como não obteve êxito, resolveu fazer particular, desistiu por duas vezes, mas com muitas dificuldades conseguiu retomar e concluir o curso de Pedagogia. Esta graduação progrediu sua carreira, e atualmente está lotada na escola de seu distrito, Jenipapo, por 40 horas semanais. Pela manhã trabalha com o quarto ano, todas as disciplinas, e a tarde trabalha Português do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

ESMERALDA é essencial no processo educacional de **PÉROLA** e **RUBI**, suas vidas se entrecruzaram e foi determinante para o que se tornaram. Atualmente **ESMERALDA** é aposentada como trabalhadora rural, mas desempenhou por muitos anos a função de professora no assentamento Tabuleirão I, hoje assumida por **PÉROLA**. **ESMERALDA** situa em sua narrativa como foi o início da educação no assentamento e no distrito Jenipapo, onde também lecionou, seu percurso como professora iniciado em 1998.

Então, eu fui pra lá, fui assentar e, comecei, trabalhava só na agricultura, havendo a necessidade de educar as crianças que até então, precisavam se deslocar a 10 km de distância, para onde tinha escola. E as crianças viviam sem escola, a gente entrou em contato com uma secretária do município Senador La Rocque, na época e ela foi quem nos ajudou, mandou que eu iniciasse, eu iniciei debaixo de um barracão com 8 crianças, isso foi o multisseriado. E daí eu fiquei até passar pra outra professora já em 2005.

Ao falar deste início, **ESMERALDA** situa que teve apoio da Secretaria de Educação do município de Senador La Rocque. Na época, as casas do assentamento ainda não haviam sido construídas, eram casas improvisadas, de adubão, palhas etc. Não havia benfeitorias do proprietário anterior, apenas um barracão, e era neste barracão que **ESMERALDA** ensinava as crianças, depois passou a ensinar na sua

própria casa. Logo, o número aumentou, para vinte crianças e a mesma buscou organizá-las em dois turnos. Ela assumia tudo, ou seja, não havia direção, merendeira, e nem merenda. Não havia materiais didáticos, e às vezes chegava um pouco de cadernos e lápis. Mesmo assim, todas estas dificuldades não fizeram **ESMERALDA** desistir de seu trabalho. Afirma também que desde que iniciou foi contratada como professora pela prefeitura de Senador La Rocque.

Às vezes, algumas coisas, cadernos muito pouco, merenda não tinha, teve uma época até, nessa época eu não me lembro quantos anos, sem merenda. Aí, a partir daí começou, mas a merenda sempre foi só aqueles pouquinho que ia de uma sobra que ficava. Passava ali oito dias com merenda e o resto do mês sem merenda e às vezes quando a gente vinha buscar na secretaria, porque eles ir deixar mesmo lá era muito difícil.

Na narrativa de **ESMERALDA** já havia dificuldades em levar até o assentamento a merenda, ela mesma precisava ir buscar na secretaria. Cabe lembrar que **RUBI** assumiu a turma de **ESMERALDA** em 2005. E esta questão da merenda é algo que perdurou até pouco tempo atrás.

ESMERALDA, na medida em que as crianças cresciam, ia estendendo as séries, até que chegou a trabalhar da alfabetização à quarta-série, que hoje seria quinto ano.

Eu comecei com oito alunos, depois de uns dois anos, muitas crianças foram nascendo, crescendo, e eram todos só dos assentados mesmos de lá. Cheguei a organizar as turmas até a quarta-série. De vez em quando chegava da Secretaria alguns cadernos, às vezes vinha livro para a secretaria e a gente ia buscar esses livros, poucos lápis e cadernos. Mas desde que iniciei fui contratada pela Secretaria.

Para entendermos como **ESMERALDA** chegou ao assentamento Tabuleirão I, precisamos recuar um pouco na sua história, que remete à década de 1970. **ESMERALDA** nasceu em 1955, no município de Jurumenha, no estado do Piauí. É filha de trabalhadores rurais, e como já mencionado, a migração destes trabalhadores é algo presente na história

deles por terra e condições de plantio. Em 1971, emigram de sua cidade natal para o município de Floriano – PI. **ESMERALDA** lembra que até aquele momento não havia frequentado à escola. Não havia escolas no interior onde morava, mas seu pai empenhou-se em pagar um professor particular para ensinar a ela matemática, pois desde muito cedo gostava dos números. Foi no município de Floriano que, pela primeira vez, **ESMERALDA**, então com 16 anos frequentou a escola.

Eu comecei a estudar em casa, que lá onde nós morava não tinha assim escola naquela época, era zona rural mesmo. Meu pai às vezes, na época eu me lembro que meu pai pagou um professor particular e botou dentro de casa pra gente estudar matemática, que eu gostava muito. Mas minhas primeiras leituras que eu aprendi foi alguém que chegava em casa, eu pedia a lição para me ensinar. Ave Maria, o maior prazer do mundo que eu tinha era pegar um livro.

Era latente em **ESMERALDA** o gosto pelos livros e principalmente pela matemática, algo que irá mais tarde se refletir na escolha de um de seus filhos. Em Floriano – PI, **ESMERALDA** ficou numa “casa de família” para trabalhar e estudar. Fez uma avaliação para comprovar seu conhecimento e adentrar numa série correspondente. Foi bem na avaliação e iniciou a antiga quarta-série. Estudou em forma de supletivo até a sétima série, iniciou a oitava, mas não concluiu. Em 1974 seus pais migram do Piauí para o Maranhão, município de Imperatriz. Seus pais adentram a área rural daquele município e Esmeralda permanece na cidade, na casa de um tio, trabalhando durante o dia e estudando a noite. Conclui a oitava série.

Em 74 eu vim pra Imperatriz. Aí eu terminei os meus estudos lá. Estudei, não sei como era o nome da escola, Rui Barbosa parece. Aí, meus pais ficaram no interior em um lugar que chama é Centro do Bala. Aí em Imperatriz eu morava com um tio e também trabalhava. Fiquei lá, um ou foi dois anos, não foi mais do que isso, 1974, 1975, 1976.

ESMERALDA está se referindo à conclusão do Ensino Fundamental. Naquela época este nível de instrução possuía um grande valor, em particular se tratando de pessoas vindas da zona rural. E estas nas suas localidades, eram vistas com o potencial de serem professoras, ou disseminadoras do conhecimento. É o que acontece quando em 1976 seus pais e toda a família migram para o distrito Jenipapo, já mencionado anteriormente. Foi lá que as vidas de **RUBI** e **ESMERALDA** se cruzaram.

Aí vim embora para cá pro interior Jenipapo. Quando cheguei ao Jenipapo fui ensinar particular, meu pai fez um terracinho bem na frente, do lado da casa dele. Eu passei a ensinar particular, ensinei um ano particular, aí foi a época que João Lisboa era o município a quem pertencia Jenipapo, não tinha criado Senador La Roque ainda. Aí a gente, houve lá uma pesquisa perante os professores para fazer uma avaliação para selecionar quem era para ensinar umas pessoas e eu vim fazer essa prova de avaliação em João Lisboa. Eu fiz e passei e, fui professora do município de João Lisboa, e ensinava aqui em Jenipapo.

É neste período que assume como professora contratada pela Prefeitura, à época de João Lisboa, que **ESMERALDA** tornou-se professora de **RUBI**. Esta deixa claro em seu relato a importância que teve **ESMERALDA**, em sua formação como professora. Permaneceu dois anos ministrando aulas no distrito do Jenipapo. Neste período, Esmeralda se casou e nos revelou como foi este casamento:

Aí eu casei em 77, aqui mesmo no Jenipapo, ele era daqui, mas não trabalhou muito na terra não, foi para o garimpo, e nós casamos quando ele voltou de lá. Achou muito ouro, aí agente casou e só viveu dez meses, tive uma filha e ele foi para o garimpo.

ESMERALDA não imaginava que seu marido não voltaria, no entanto, como na época a febre pelo ouro na região conhecida como Serra Pelada, no estado do Pará, deixava muitas mulheres abandonadas pelos maridos, foi em busca de seu marido no garimpo. E teve uma grande supressa, ficaram juntos, mas soube que ele tinha outra família

por lá. E assim, resolveu voltar para sua terra, não sabendo ainda que ficara grávida do segundo filho.

Período difícil para **ESMERALDA**, com dois filhos para criar, uma menina e um menino, continuou trabalhando como professora em Jenipapo até meados de 1980, quando encontrou um novo namorado e se casou novamente. Também garimpeiro, mas desta vez, mudou-se com os filhos e o marido para o Estado do Pará. Ela ficava na cidade, e ele ia para o garimpo, e demorava por lá. **ESMERALDA** teve que trabalhar como doméstica para sustentar os filhos, e a prole aumentava, com este novo marido teve mais três filhos homens. Até que um dia, cansou-se daquela vida.

A gente se separou e ele ficou no garimpo também. Lá eu ficava, mas na cidade, trabalhando muito, tinha que trabalhar muito na casa dos outros, porque o que ele ganhava por lá, ele gastava pra lá mesmo. Teve um momento que eu não quis viver mais essa vida né, e ele arrumou outra mulher no garimpo. Aí eu desisti e vim embora pra onde a minha família.

ESMERALDA criou os filhos sem companheiro, isto ela disse que nunca soube o que é na vida, mas enfatiza que criou os filhos com sabedoria e hoje são homens e mulher de respeito. Ao retornar em 1998 para o Jenipapo, havia uma mobilização para a ocupação da área que hoje é o assentamento Tabuleirão I, na região conhecida como serra. Ficou ainda pelo Jenipapo, deu aulas particulares e foi se organizando para também subir a serra.

Fiquei pelo Jenipapo, ainda ensinei um tempo particular ainda, o pessoal era louco pra mim, na época não sei por que, mais eu sabia um pouco de matemática então... Eu adorava matemática, Ave Maria! Não tive a sorte e não tive a chance de estudar, de continuar meus estudos, mas eu gostava muito de matemática e o pessoal me procurava muito para ensinar matemática. Tinha às vezes escola lá no Jenipapo, mas eles queriam que eu desse aula particular.

A matemática fez a diferença na vida de **ESMERALDA**, sem uma instrução que pudesse habilitá-la a ser oficialmente uma professora de matemática. Foi eleita e querida pelo povo da região dela. E como professora de reforço de matemática, pode alimentar seus filhos e conduzi-los por uma vida menos sofrida. Mas lamenta muito o fato de não ter prosseguido os estudos: *não voltei mais a estudar, nunca mais, não tive mais oportunidade.*

ESMERALDA decidiu então subir a serra, ir para o assentamento Tabuleirão I, conseguiu ser aceita no cadastro do INCRA e conseguiu seu lote. Lá se tornou trabalhadora rural, sem abandonar a docência. Com ela foram todos os filhos, decisão que na sua narrativa mostra-se que não foi fácil, mas foi uma opção, como mãe solteira agora, era necessário. Ela explicou o motivo:

Então fui para a roça, trabalhava com meus filhos. Foi uma opção que eu fiz de levar eles, muita gente dizia assim, “se fosse tu ficava na cidade com teus filhos”. Ms eu tinha muito medo de não conseguir e eles cair na bandidagem, essas coisa, fui para o mato com eles e não me arrependi não.

E aqui voltamos ao início da narrativa de **ESMERALDA**, sua chegada ao assentamento e seu percurso como professora do assentamento que como mencionamos anteriormente, se deu em 1998. Seu filho, mais velho, o segundo do primeiro casamento, se casou com **RUBI**, protagonista da nossa pesquisa também. Foi no assentamento Tabuleirão I que suas vidas cruzaram, e Esmeralda foi muito importante para a decisão de **RUBI** em assumir a turma do assentamento e prosseguir os estudos.

Assumi como professora e trabalhava pela manhã né, e aí terminava ia pra roça. Eu tinha que dar conta de cuidar da casa, ir pra roça, botar os meninos pra ir pra roça no momento que tinha folga, e na época que ensinei não tinha essa história de ter zeladora, ter uma secretária, eu era tudo.

ESMERALDA fez mais, muito mais do que ser trabalhadora rural e professora no seu assentamento. Criou junto com um grupo a Associação dos pequenos produtores do assentamento e tornou-se membro da diretoria executiva.

Eu ajudei a criar a associação e tô até então na Associação. Fui secretária, fui tesoureira, já fui presidente da Associação. Hoje eu sou secretária, e a gente já fez vários projetos. A nossa Associação é uma associação crescida, a gente recebe projetos vindo do banco mundial, de fora, a gente tem mais apoio de fora que do município. Do município a gente não tem apoio nenhum.

A aprendizagem junto às instituições parceiras do assentamento, através de cursos de formação, tem promovido mudanças cruciais na forma de produção, comercialização e de uma forma geral na vida dos assentados. O plantio de subsistência, como o arroz e a mandioca já era insuficiente, por que a terra já estava esgotada. Estes cursos e os recursos que **ESMERALDA** buscava fora do assentamento, em outros estados e até países, ajudou a mudar a cultura do que plantar.

Com o plantio de subsistência as terras foram cansando, porque quando a gente já recebeu mesmo já foi terra já devastada mesmo. E a partir daí teve uma época que a gente começou por incentivo dos estudos que a gente fazia. A trabalhar a questão da cultura permanente que aí, veio primeiro o caju, teve uma febre aqui de cooperativa na região e eles começaram a produzir esse caju. Depois, começamos a consorciar as outras culturas, aí foi quando veio o primeiro projeto que a gente discutiu, assim veio primeiro projeto e outro e agora já estamos no terceiro projeto.

Após ter se liberado da docência, em 2005, **ESMERALDA** tem se dedicado ao desenvolvimento do assentamento, através da busca de financiamentos para os projetos, o que está na ordem do dia é a cooperativa de doces do assentamento.

E estamos com um projeto agora com a secretaria do Estado, com recurso do estado, para uma caldeira, uma panela de mexer doce, um carro para poder a

gente escoar essa matéria prima de lá, essas coisas e um poço que a água lá é muito escassa no assentamento.

Através de várias entidades não governamentais, Estado e Banco Mundial, ela visualiza os editais, faz estudos e analisa o que é viável para o assentamento, e desta forma tem conseguido grande êxitos junto aos demais sócios, ou seja, a todos os assentados. **ESMERALDA** evidencia em sua fala o problema que enfrentam com a água.

E o poço que nós temos lá tem 220 metros e a água não ta dando para abastecer a comunidade, porque eles criam pequenos animais, juntam um pouco de gado e o abastecimento mesmo das famílias. Não dá conta. E a fábrica tem usado os quintais que a gente fez em uma pequena estação. Esse último projeto era o quê? Plantar um pequeno quintal irrigado no fundo da casa com a captação de água numa cisterna para poder a gente captar água, porque a água é pouca. E os assentados precisavam apreender a fazer essa cisterna para a gente multiplicar. Foi feito isso, a gente já multiplicou em três, depois das duas que foi feito em capacitação.

Atualmente **ESMERALDA** é secretaria da associação, mas assumiu junto com toda diretoria a coordenação desses projetos, mas destaca que tudo é discutido com os sócios da associação. Inclusive destaca a participação das mulheres neste processo, mas nem sempre foi assim. Sua atuação de alguma forma tem motivado outras mulheres a assumirem posição e a se integrarem na produção e também comercialização dos produtos. Com a fábrica de doces, as mulheres estão na vanguarda de todo o processo. **ESMERALDA** fala de sua experiência e trabalho quando esteve à frente da associação, para arregimentar as mulheres para se tornarem sócias da associação.

Então hoje quando olhamos os livros de ata de antigamente, vemos que não tinha quase participação das mulheres. Eu no assentamento do Tabuleirão I era a única mulher que participava assim de reunião. Quando foi em 2005, eu assumi a presidência da associação. Então, com o propósito de trazer as mulheres também para as discussões e elas vieram. Hoje todas as mulheres da associação são sócias. Também individualmente o homem é sócio e

responde pela sua responsabilidade e a mulher também é sócia e tem o seu papel.

É de esta forma que o assentamento Tabuleirão I vem se destacando na produção de caju, comercializando a castanha, na fabricação de doces, na manutenção dos agroquintais, com uma variedade de frutas, consolidando uma independência financeira para seus associados. É na colaboração dos homens e das mulheres que as mudanças estão se concretizando. O próximo passo, a certificação de qualidade do doce para exportação.

3.1.2 Representações sociais sobre seus percursos e suas escolhas

As representações sociais, segundo definição apresentada por Jodelet (2001), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos – imagens, conceitos, categorias, teorias – mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. São socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuindo para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação.

Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados, partindo do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos em seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

A nossa intenção foi buscar compreender como são construídas as representações sociais, ou seja, compreender os processos geradores e mantenedores do conhecimento compartilhado pelas mulheres professoras e homem professor. Em ser mulher, ser homem, ser professora e professor em assentamento da Reforma Agrária e como

percebem os impactos desta condição no cotidiano de suas vidas, na família, na comunidade e em outros espaços.

Retomamos as narrativas dos nossos sujeitos que estão presentes, suas motivações em serem professoras e professor, seus referenciais para tomada de decisão, e como percebem as influências nas suas escolhas. Para **JÚLIA**, ser professora não foi um sonho, nem um desejo, simplesmente aconteceu, a vida lhe deu esta oportunidade: *Assim, eu nunca me imaginava ser professora*. Principalmente em um assentamento da Reforma Agrária, mas como ela mesma afirmou, era muito jovem quando casou, começou a ter os filhos, não havia muito tempo para refletir. Hoje ela entende melhor tudo que passou. Mas, sente-se bem pelo retorno que tem de seu trabalho como professora. Destaca em sua fala como é difícil para seus alunos mudarem de série, pois ficam muito acostumados a ela:

[...] meus alunos aí tudo é professora, só se ver o estímulo, na escola às vezes ficam dizendo, “mãe eu quero voltar é pra classe da professora”. Os que ficam do outro ano ficam dizendo, “ah não professora eu gostava tanto da senhora, eu vou mudar pr’áí, pra quê que a senhora me passou”?

Ao se referir a como é percebida pela sua família e seus colegas, **JÚLIA** fala do orgulho que sua mãe possui dela, ao comentar que hoje em dia é muito mais difícil criar filhos homens, e ela mesma concorda com isso:

Hoje mesmo a mãe tava dizendo que, de primeiro, filho homem não dava trabalho, mas na verdade dá muito mais. Olha a filha dela, referindo a mim, casei cedo, mas não dei trabalho, sempre estudei e hoje sou dona de casa, professora e mãe e dou conta de tudo, e as filhas delas nunca deram trabalho.

O companheirismo do grupo de professores que trabalha na escola Maravilha é destacado no relato de **JÚLIA**, sobre a importância disto na hora das dificuldades, principalmente quando um filho adoecer e é preciso levar ao médico ou mesmo ficar em casa para dar mais atenção: *Eu me*

dou bem com todo mundo lá na escola, no momento que eu precisava eles sempre estavam ali pra me ajudar, se eles precisarem também, estou ali pra ajudar, nunca tivemos desavenças.

JÚLIA e seu marido enfrentam algumas dificuldades no assentamento, em função de não possuírem lotes. Os dois são filhos de pais que possuem lote, e eles não. Desta forma, a produção que seu marido empreende é na maioria das vezes insuficiente para o consumo. A sua renda como professora é a garantia do sustento dos filhos e da casa. Esta situação deixa **JÚLIA** com algumas incertezas em relação a sua permanência no assentamento. Em sua narrativa expressou o desejo de ir para Porto Franco, município a que o assentamento pertence. Lá seu marido poderá arrumar um emprego, segundo ela, e ela poderá realizar seu grande sonho de cursar Direito. A preocupação com a educação dos filhos, também faz parte deste projeto.

Ah! O meu futuro é grande demais! Vou terminar o curso de Pedagogia, e possivelmente ir morar no Porto Franco né, que lá há oportunidade melhor, aí tem melhor emprego, melhor salário, quem sabe até me formar em Direito, que eu tenho vontade de estudar, de ser uma advogada, aí assim por diante.

As narrativas de **JÚLIA** traz em si um sentimento de gosto pelo lugar em que mora, e ao mesmo tempo, insatisfações com as situações concretas que a impede de vislumbrar um futuro, em particular para os filhos e para sua filha.

É, porque aqui é bom pra gente morar, é bom demais, mas a gente tem que pensar mesmo é nos filhos da gente. Tem que ter oportunidade, pra gente foi muito difícil, pra mim foi muito difícil estudar, ta estudando, se eu não tivesse arrumado serviço, eu acho que eu tinha ficado mesmo só no meu segundo grau, né. Porque tive oportunidade de emprego, aí tô tendo oportunidade de estudar, mas pra quem não tem um emprego, fica difícil o estudo.

Ainda, em sua fala, expressa que:

Aqui é bom por causa disso, que a gente planta, tem a roça, todo dia não tem aquela preocupação com o que vamos comer amanhã, não, não tem isso, muito mais fácil né. A gente tá morando aqui por causa da parte financeira, mas se a gente for pensar nos estudos mesmo, só até a oitava série, se tivesse pelo menos o segundo grau era mais fácil passar por aqui, logo eu não sou assentada aqui. É por isso, também não tenho minha terra aqui, trabalho aqui, meu marido trabalha na terra de outro, porque a do pai dele, é o irmão dele que trabalha, é assim arrumando outro lugar pra plantar, se tivesse mesmo a terra acho que a gente nunca iria embora daqui não.

Apesar de todos os desafios que **JÚLIA** se impõe e diante das incertezas em relação ao seu futuro, reconhece o valor da sua profissão como professora, e tudo que já conquistou com seu salário. Percebe que sua profissão é um emprego, e que o emprego é que lhe permite estudar. Esta associação está relacionada à situação financeira que lhe permite pagar um curso superior, pois somente a parceria da prefeitura não seria suficiente. A educação é consequência do emprego e não o emprego uma consequência da instrução. Esta questão permanece ancorada no pensamento de **JÚLIA**, demonstra isto ao falar que sua casa foi construída com seu salário de professora, como também já está construindo outra, em Porto Franco, para onde deseja mudar-se com a família. Diz em sua narrativa:

Pra mim, ser professora significa muita coisa, se eu não tivesse essa profissão hoje, eu acho que eu não estaria no lugar que eu estou. Hoje não, tenho conseguindo minhas coisas né, porque se não tivesse esse emprego não tinha como eu ter estudado, de ter construído já essa minha casa. Tô já lutando pra construir outra lá em Porto Franco e dando a vida melhor para os meus filhos, não é vida... mas é melhor né, é uma vida mais confortável. Pra mim, ser professora é uma grande realização em minha vida que eu consegui, é um sonho realizado, de emprego né, ser professora.

O que a vida fez **ROMANA** experienciar deu-lhe uma sabedoria que extrapola os limites da instrução formal. Está nos seus gestos simples, mas de fala firme quando com muita tranquilidade nos conduz pelas suas

memórias. Hoje para **ROMANA** ser professora, não é uma questão de ter emprego e salário, mas ela acredita que é necessário ter vocação, e tenta expressar seu sentimento em relação a isto:

É um prazer, porque tem gente que trabalha pelo salário, eu trabalho pelo gosto que tenho em trabalhar como professora... nem sei porque que ainda não me aposentei, já deveria ter me aposentado né? Já tem 3 anos que era pra mim tá aposentada. E eu não me aposentei, eu gosto de trabalhar. Pra eu me aposentar agora nova? Enquanto eu puder trabalhar, eu não vou me aposentar, porque se eu parar de trabalhar, nem sei o que acontece comigo.

Apesar de todas as dificuldades e do tempo que ficou fora da escola, não lhe roubaram os sonhos e desejos em ser uma pessoa independente financeiramente, ela reconhece que a decisão de ir ao assentamento foi fundamental para concretizar esses sonhos.

Agora, falando e olhando para trás, percebo que as dificuldades me marcaram muito. Principalmente na infância quando comecei a estudar no interior mesmo. Quando a gente tem aquela vontade a gente consegue, foi muito difícil. Como eu já disse, que se eu tivesse ficado em Imperatriz hoje, com certeza, eu não teria a vida que eu tenho hoje, com certeza eu não teria... Porque o estudo, principalmente o estudo eu tinha abandonado, como eu já tinha abandonado mesmo, vim retomar depois que eu cheguei aqui, graças a eles que me deram essa oportunidade.

E enquanto a vida de professora relembra seus primeiros passos no assentamento Maravilha, como e em que condições começou a trabalhar, através de sua memória **ROMANA** registra este percurso:

Hoje, eu digo para os meus alunos, eles tem um prédio grande pra estudar, muitos deles vem com toda dificuldade. Chega na sala de aula brincando, não leva a sério, e quando eu comecei a dar aula aqui, é onde hoje é a igreja católica, era uma casinha de palha aberta, foi construída por nós mesmos assentados, debaixo do pé de merindiba. Eu dava aula bem aí debaixo do pé de merindiba, que assim que a gente chegou aqui, porque não tinha escola, e aí pra gente conseguir foi a maior luta, e na época o prefeito era outro, a gente ia atrás de algo pra dá aula, diz que o prefeito dizia “que não mandou

ninguém vir pra cá, não mandou ninguém acampar aqui”. Essa era a resposta que ele dava quando nós ..., mas nem assim nós desistimos, aí ia pra escola, aí dava aula lá. Aí quando vinha a chuva com o vento, aí eu botava os meninos tudo num cantinho... tudo aberto molhava tudo, ficava todo mundo naquele bolo debaixo do guarda-chuva, mbora, fica aqui debaixo...Depois foi construída aquela outra ali pequenina ali, foi construída por nós mesmo assentados, com o resto do material que veio da reforma...Aí o prefeito colocou um professor. Aí foi construído aquele lá. Foi uma luta, foi eu com os meninos que limpamos, porque não tinha prefeito, não tinha nada, não botava zelador, nada, só pagava o professor e tinha que se virar. Naquela rua ali era só o caminho, que eu fiz mais os alunos, roçamos, no sol quente pra poder limpar pra lá. Aí depois foi que entrou o outro prefeito, que fez uma de tábuas, e depois que entrou o outro, que é ainda hoje, foi que construiu a nova escola, com muita dificuldade, porque pra ele conseguir colocar essa escola aí foi muito difícil, porque ela já constava nos relatório da prefeitura como construída.

ROMANA emociona-se ao relembrar todo este feito, e garante que sente-se feliz por fazer parte desta história, por ter contribuído na história do assentamento e mais especificamente no da educação do assentamento. Como é uma comunidade de 52 famílias, todos se conhecem e ela enquanto professora tem visto meninos e meninas crescerem, casarem e se multiplicarem, mas deixa claro que muitos jovens estão estudando até a oitava série, ou nono ano no assentamento, mas estão dando sequencia aos estudos em Porto Franco. Para isto, a prefeitura envia um carro escolar todos os dias para buscá-los.

Tem uns que tem aquela expectativa de melhorar de vida e pensam no futuro. Já tem outros que é como... é obrigado a estudar. A gente ta colocando na cabeça deles noção de que a vida do pai dele é um atraso, não tem uma vida boa... Ele tem que estudar. Tem que seguir aquilo que o pai dele não teve por isto, tá ali sofrendo no sol quente, às vezes tem deles que vê, eu digo: - ô, vocês. Tem muitos que vem de longe para estudar aqui, sai de casa sem almoçar, é longe de lá pra cá, tem que sair 10h. E o almoço dele é a merenda. Uma dificuldade. No inverno, pega chuva pra chegar até aqui. Aí a gente tem que colocar isso na cabeça deles, pra vê se eles valorizam aquilo que eles estão sofrendo.

O abandono do trabalho rural deixa sua marca na narrativa de **ROMANA**, suas referências, ou melhor, sua representação desta atividade produtiva é negativa, de sofrimento e de atraso. De alguma forma, a escola no assentamento, através daquilo que a terra significa para **ROMANA**, está contribuindo em dar valor negativo ao trabalho rural. De outra parte, não podemos desconsiderar que esta representação é construída através da própria experiência de **ROMANA**, que de outra forma não conseguiu vislumbrar desenvolvimento e melhoria de vida, principalmente econômica com esta atividade, seja pela sua mãe e parentes ou pessoas conhecidas.

A profissão de professora, neste sentido, torna-se um referencial no assentamento, principalmente em relação a renda mensal e estabilidade através de concurso público. Desta forma, principalmente as meninas, projetam tornar-se professora no futuro. **ROMANA** é bem sincera e diz que para ser professora não basta pensar em emprego e salário, é necessário algo mais:

Falam, muitas falam sim, que eu até gosto de brincar... Não menina, pelo amor de Deus, não sigam minha carreira, porque é uma profissão... eu gosto dessa profissão, acho que é por isso que... mas é uma profissão que não é valorizada. Pra você vencer, essa profissão, ser de professorinha, você tem que ter vocação. Porque pelo salário não compensa. Se você for analisar, e dizer eu vou ser professora, teu salário vai... Não entra não... Porque não compensa. Só se você tiver vocação.

É desta forma que **ROMANA** sempre se sentiu com vocação, mas não deixa de reconhecer que também soube aproveitar as oportunidades, ou não teria conseguido chegar onde está: *Eu me acho uma vencedora, isso eu puxei pra minha mãe. Eu sou vencedora.*

JONAS é um jovem professor que convive num meio majoritariamente feminino. Sente-se feliz pela sua profissão e, como já deixou explicito, sempre desejou ser professor.

Ser professor é quase que assim um vício, mas o que assim anima, o que faz essa motivação, é essa questão, que construímos a amizade, a gente forma uma família na escola com aquela convivência. É maravilhoso, é o que faz a gente esquecer, assim de que a gente não é valorizado, a questão salarial, mas isso, essa convivência, essa amizade entre os alunos é o que nos faz continuar.

JONAS desenvolve um trabalho muito próximo aos adolescentes, desta forma torna-se amigo também. Ele é alguém que faz a mediação entre a escola, os pais e a comunidade, buscando orientá-lo quando as questões cruciais desta fase, drogas, sexo sem proteção, gravidez na adolescência e outros temas, mas estes estão mais próximos dos alunos da escola Maravilha. Promove com o apoio da direção da escola e da Secretaria de Educação, palestras com profissionais das áreas para promover a prevenção nas vidas dos alunos.

E, provavelmente por este trabalho, **JONAS** diz em sua narrativa que percebe sua influência na vida desses adolescentes, e nas decisões que os mesmos estão tomando ao longo do tempo.

Outro dia, nós estávamos conversando, falando dos alunos antigos, desde 1999, a quantidade de alunos que a gente tinha, daquela turma, e vimos que somente uns cinco que não estão bem, é muito. Hoje todos vivem bem, aí é uma coisa que a gente sente assim prazeroso, de ver os frutos daquele meu trabalho. Eu ajudei a construir aquilo, um fez Pedagogia, o outro é Técnico, tudo hoje, a maioria daqueles alunos vivem bem, isso dá muita satisfação.

É neste sentido que **JONAS** reafirma que, mesmo seu sonho sempre foi ser professor: *Eu assim não tinha assim outro objetivo, outra coisa não. Claro que eu queria, gostaria de ser mais bem remunerado, que fosse valorizado, mas meu sonho era trabalhar com criança mesmo, sempre foi.*

Ao falar de seus pais, **JONAS** retrata que a vida de muito trabalho na roça e sem estudos de seus pais, os fizeram priorizar a educação dos seus oito filhos. Todos estudaram e três deles, incluindo **JONAS**, concluíram curso superior.

Para os meus pais é um motivo de alegria. Meu pai nos contou uma história que, o pai dele colocou ele três dias na escola. Aí quando chegou perguntou o que foi que ele aprendeu. Aí, ele disse: “não, não aprendi nada não”, então tirou ele da escola e botou pra foice. Então hoje ele vê, nós somos oito irmãos e ele da roça e mamãe em Campestre quebrando coco, e deu essa oportunidade de todos fazerem o magistério, aliás, quatro fizeram o magistério e quatro, o ensino médio.

JONAS deixa explícita a gratidão pelos seus pais terem se esforçado para dar-lhes instrução e reconhece o quanto foi fundamental para que hoje ele e os demais irmãos e irmãs, estejam bem melhor financeiramente. *É assim uma alegria enorme, tanto pra nós, como pra eles (seus pais) que não tiveram essa oportunidade e todos os oito filhos eles deram oportunidade pra estudar e se formar.*

Ser professora, para **PÉROLA**, não foi acidente, por ser filha de professora, mas não era seu sonho, talvez tenha sido o destino, ela afirma. Hoje ao perceber como se sentiu quando foi convidada a assumir a turma do assentamento diz que teve medo, ficou apreensiva, mas buscou forças e lembrava muito da coragem e força que sua mãe sempre demonstrou: *Eu gosto do que faço, mas também não era o que eu queria, eu queria assim outra coisa, outra profissão, assim que não fosse mexer, com educação, porque realmente dá trabalho dar educação para os filhos dos outros, é uma responsabilidade grande pra mim.*

Após seis anos assumindo a função de professora e responsável pela escola do assentamento Tabuleirão I, percebe através das falas dos pais dos seus alunos que tem realizado um bom trabalho, que seus filhos têm aprendido e dado sequência aos estudos, isto tudo é muito importante para Pérola. *Aí eu falo assim, se eu não tivesse desde que comecei lá, feito um trabalho mal, ruim, hoje eu não tinha apoio deles né? Porque é contrato, é já vai fazer o quê?*

Como já mencionado, não há escola construída no assentamento, funciona numa casa comum de morador, que a Prefeitura aluga. Portanto, há muitas dificuldades em organizá-la para atender aos interesses dos alunos além de outras como: a chegada da merenda à

escola, a supervisão da Secretaria de Educação e recebimento de materiais didáticos, apenas livros e de certa forma apoio pedagógico. Outro fator que desmotiva **PÉROLA** é a falta de pagamento da Prefeitura, ela atrasa durante meses, mas mesmo assim, **PÉROLA** não falta a sua atividade: *Às vezes eu vou pra escola por que eu gosto do que faço, apesar de tudo, e eu gosto dos meus alunos e também pelos pais deles, eu vou mais também por eles, porque eu não quero vê-los prejudicados.*

PÉROLA a iniciou em 2012 o curso superior em Pedagogia e com isto, está pensando em se formar e fazer concurso para a escola do assentamento. Consegue equilibrar seu emocional com as situações concretas já relatadas em relação ao apoio e manutenção da escola. No entanto permanecerá lutando, e mais ainda em função de sua filha.

Para o meu futuro, eu penso que, vou concluir a pedagogia, e quando tiver concurso eu quero fazer, vou fazer mesmo pra essa área mesmo, professora. Apesar deles não me pagarem direito, eu acho bom trabalhar aqui, e o ruim é que prejudica a gente. Mas, eu vou seguindo em frente, e acredito que as coisas poderão melhorar.

RUBI ao olhar para toda sua vida e refletir sobre ela, mostra que não aceitou um destino definido para ela, ser mãe e dona de casa, como acontecia com a maioria das mulheres com quem convivia à época. Ter instrução fez um diferencial na sua vida em relação a sua geração. Sempre desejou estudar e esta conquista veio com muito esforço e sacrifício pessoal, como também apoio do marido e compreensão dos filhos. Isto é expresso em sua fala, nestes dois trechos.

Eu vejo assim, que foi muito difícil pra eu estudar e trabalhar ao mesmo tempo, foi muito difícil, não tinha transporte, o escolar vinha, mas na hora que ele chegava eu ainda estava cuidando do sogro, e eu tinha que ir de qualquer jeito. Eu pegava um madeireiro, às vezes teve vezes d'eu subir em cima de um madeireiro, porque era dia de prova e eu não posso perder e na volta eu vinha no escolar, então eu olhando assim, me avaliando o passado e hoje tá ótimo e me sinto vitoriosa. Quando eu lembro assim de meu passado

do tanto que eu sofri e meus filhos também, porque eu não fui assim uma mãe... Não tive presença na vida deles.

RUBI ao falar de sua relação com os filhos emociona-se muito. Em sua fala expressa que não foi uma mãe presente, em todos os momentos, mas não lhes faltaram orientações. Mas, não deixa de sentir que gostaria muito de ter participado mais da vida deles.

Em termos de documento né, chegou a época de tirar documento, eu não fui assim aquela mãe que pudesse ir acompanhar eles. Eu dizia, ensinava pra eles assim, olha você vai nesse ônibus, você para, em tal lugar você desce e vá direito, dobre a esquina, e lá você olha que você vê o nome e lá você para, tire seus documentos e volte pelo mesmo lugar para não se perder. Em Imperatriz, então, eu sempre fui assim, eu não fui uma mãe que pudesse acompanhar eles assim, passo a passo, mas graças a Deus todos têm documentos.

Ao mesmo tempo em que **RUBI** sente-se culpada pela sua ausência, enfatiza que ela e seu marido, trabalhador rural, sempre os deixaram a vontade, a roça nunca foi uma obrigação. Mas a prioridade era que estudassem. |Então, todos frequentaram a escola, e hoje possuem bons empregos, em Imperatriz. Próximo dela ficou a **PÉROLA** e um filho homem que faz parte da direção do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Senador La Rocque.

A gente lutou muito também pra que eles conseguissem arrumar um serviço, estudar, eu também fui assim, aquele tipo de mãe que, eu não proibia eles fazerem, estudarem, o pai deles também foi uma pessoa que nunca tirou eles da escola pra ir trabalhar na roça. A gente deixava à vontade, o pai deles trabalhava de roça, e ele nunca tirou nenhum dos filhos da escola pra ir ajudar ele.

Para **RUBI** é uma alegria vê-los encaminhados e sendo pessoas responsáveis, e tenta justificar suas lágrimas que durante toda a entrevista estiveram presentes:

Quando eu lembro assim do meu passado, aí eu choro, qualquer pessoa assim que me conheceu sabe, eu choro quando eu lembro, porque sei como meus filhos foram criados, mas valeu cada sacrifício, hoje eu sei que eles entendem porque não tiveram sua mãe presente todas as horas. Hoje todos estão trabalhando e me sinto muito feliz, muito feliz mesmo. Sinto que sou realizada como professora e como mãe. Meus alunos de antes, onde me veem, falam comigo e me agradecem, pois sempre fui uma professora que deu incentivo, que conversava com eles, para que eles se interessassem, e vejo hoje que vale a pena sim, muitos estão ocupando cargos, em Senador La Rocque, e outros trabalhando em Imperatriz. Meus alunos quando vão fazer o ensino médio em Senador La Rocque, são muito bem recebidos, por que outros já passaram por lá, e tiveram boas notas, foram alunos interessados e bons alunos mesmo. Por tudo isto, sinto que como professora tendo conseguido desenvolver bem meu trabalho e feito minha parte.

Para **ESMERALDA**, ser mulher, professora e trabalhadora rural, dá a ela uma condição de “super” mulher, e não se sentiu em nenhum momento, vítima ou desmerecida pela sua condição. Não teve muitas escolhas, mas as que chegaram a ela, acredita que soube aproveitar, inclusive seus casamentos. Embora não tivesse “sorte” com seus maridos, percebe que isto a fortaleceu e deu a ela coragem de seguir em frente para criar e educar seus filhos.

Seja como professora ou trabalhadora rural, **ESMERALDA** tem sido uma mulher que está à frente das negociações, seja com o poder público, com organizações não governamentais e outras instituições. É coletiva, e busca melhorias para sua comunidade, o assentamento Tabuleirão I. Seu depoimento sobre o trabalho que vem desenvolvendo demonstra satisfação, mas também uma criticidade sobre o descaso dos políticos e dos governos locais.

A gente sente um prazer tão grande em tá fazendo algo, só que tem momento que cansa, que a gente se sente tão cansada de tanto lutar e às vezes quem poderia tá ajudando a gente como o poder público não dá um pouco de força pra gente. Quando a gente vê que busca tudo isso fora, que a gente tem apoio de fora e o próprio município de onde a gente tá, em política né, às vezes dá vontade até de não votar. De tanta luta que a gente faz e que a

gente busca, porque você sabe que tem muitas entidades hoje lutando por esse ter o melhor pros mais fracos, como os sindicatos, o próprio CENTRU, tem muitas entidades que foram criadas pra isso, a luta das mulheres. Como a Margarida Alves que tem todos os anos, buscando através dessas lutas assim, mas mesmo assim, olha difícil, cada tempo que passa, tem dia que você, mas aí no mesmo momento você dá vontade de continuar. Eu mesma já senti muita vontade de sair fora da associação, é porque a gente adoce, a mente da gente também cansa muito, mas entendo que é preciso ter alguém que leve a luta adiante, outras pessoas dependem disto, por isto continuo a luta.

Após 15 anos de assentada no Tabuleirão I, **ESMERALDA** percebe que muita coisa mudou na vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, como em todo o assentamento. Isto em consequência de todas as atividades coletivas que estão desenvolvendo ao longo desses anos.

Mas já houve muitas mudanças. Muitas pessoas, você chega, já vê, a alimentação em si hoje, tá totalmente diferente, porque até então você ia comprar fruta na rua. É, hoje quando tu chegas no assentamento tu vê o abacaxi, tu vê o mamão, tu vê a laranja, tem tudo isso lá, não dá pra vender ainda, mas pra casa pro consumo. A mudança foi totalmente, foi grande, eu acho assim, ainda falta muito, precisa acreditar mais em si próprio. Porque assim, gente é coisa difícil da gente mudar, assim a mente dele, muito difícil.

Sobre a educação no assentamento, **ESMERALDA** diz seu depoimento,

A nossa luta no assentamento foi grande, a escola nós estamos até hoje lutando, já teve quatro mandatos do prefeito aqui no município, nenhum construiu uma escolinha pra nós. Esse ano a gente, a associação colocou o prefeito na justiça, findou o prazo, a justiça disse que a partir daquele momento, ele ia pagar mil reais por dia e aí tá rolando isso aí, estamos nessa época aí política, não sei o que vai acontecer. Meu irmão era o presidente da associação, hoje ele assumiu novamente a associação mais dois anos justamente por conta dessa briga que ele comprou com o município, por conta dessa escola. Porque ele disse que não vai sossegar enquanto não construir essas salas de aula que é um direito nosso, entendeu, estamos aí nessa luta.

ESMERALDA demonstra indignação com o descaso do poder público, em todos os sentidos, e particularmente com o tratamento dispensado aos assentamentos da região. Os avanços apresentados se dão pela coletividade e apoio financeiro de outros órgãos, questão bem enfatizada em suas falas.

O descaso e principalmente com os assentamentos e não é pouco, o povo sofre demais, principalmente nesse sentido da educação. Como que a gente pode dar uma educação melhor pros nossos filhos, desta forma? Sem escola? Hoje a gente vê na mídia falar das coisas, aí eles só ouvem falar, mas não chega pra eles né, e quando é pra eles sair, como vão conseguir bons empregos, hoje o mercado tá aí pra o trabalho, é preciso a pessoa correr muito, estudar muito. Eu mesma desisti de estudar porque eu vi que eu não ia mais alcançar o mercado. Tve que passar pra outra professora justamente porque ela que tinha condição de continuar estudando né, para está aí, atrás desse mercado. Também não quis fazer concurso público porque eu queria me aposentar como trabalhadora rural. Sinto-me quase realizada, porque as coisas ainda estão nessa situação.

Considerações finais

A condição de vida das mulheres-professoras de assentamentos da Reforma Agrária da região Tocantina do Estado do Maranhão aqui relatada, expressa de maneira parcial, mas significativa, suas memórias e representações sociais. Retratam a trajetória pessoal e profissional destas mulheres e homem professores em suas lutas como trabalhadores/as rurais, como estudantes e como educadores. Enfrentaram toda sorte de adversidades como camponeses, migrantes em busca de terra para proverem-se e a suas famílias e por melhores oportunidades para seus filhos. Associaram-se com outros despossuídos e se organizaram em torno de movimentos sociais na luta pela terra. Suas histórias narram estas epopeias: do acampamento em lona de plástico na beira da estrada ao desafio de tornar seu lote de terra produtivo. Vidas em constante risco: ameaçadas pelo latifúndio e seus jagunços, pela morosidade do INCRA e das agências governamentais, pelo generalizado descaso das Prefeituras e por dificuldades materiais as mais abjetas.

O esforço para progredir com a escolaridade e tornarem-se professoras/professor tem em comum a infância pobre, a falta de escolas dotadas de condições mínimas de funcionamento e as interrupções de estudo: seja pelas deficiências da própria 'escola', seja pela condição de sobrevivência e a necessidade de braços para a agricultura familiar. A isto se acrescenta as constantes migrações das famílias em busca de terra, acoçadas permanentemente pelo latifúndio e por seus agentes do Estado. As diferenças neste grupo de professoras/professor apresentam-se a partir de suas experiências e suas faixas etárias. Enquanto algumas, mais idosas, apresentam-se realizadas pessoal e profissionalmente, apesar das dificuldades superadas e os problemas persistentes, identificando-se com o assentamento; outras/outra, mais jovens,

renegam esta trajetória ou a relativizam, projetando o abandono da profissão e a migração para a cidade em busca de melhores oportunidades. Esta oposição relaciona-se diretamente à questão da posse ou não de lote no assentamento e a dificuldade dos homens em trabalharem arrendando terras de outros. Fenômeno comum da fragmentação da terra e da impossibilidade de gerar renda a partir de módulos menores em confronto com a cultura produtiva. O negativo é que este processo não está levando a migração para a expansão de fronteira agrícola, mas ao abandono do campo.

As mulheres-professoras e professor da Reforma Agrária aqui apresentados são uma amostragem significativa do universo destas educadoras/trabalhadoras rurais da região Sudoeste do Maranhão. Esta investigação nos permitiu compreender melhor como estas professoras representam e ressignificam suas histórias de vida e como isto contribui para o seu universo profissional, consideradas as relações de gênero, etnia e classe. Identificamos com suas memórias situações marcantes na formação e na profissão docente e analisamos suas representações como mulheres-professoras em seu cotidiano de assentadas e professoras. Procuramos desvendar este seu universo profissional no contexto em que vivem a partir de suas contradições. O sucesso pessoal e profissional, reconhecido pela comunidade do assentamento e pelas novas gerações, colide com as contradições de um modelo produtivo incapaz de oferecer-lhes sustentabilidade. A correspondência no plano social se apresenta pela impossibilidade reprodutiva do modelo e a exclusão dos jovens, força de trabalho fundamental, para às cidades em busca de emprego e estudo.

O resultado desta investigação reafirma as trajetórias pessoais e profissionais destas mulheres-professoras, suas memórias e representações como assentadas, filhas de trabalhadores rurais e educadoras. Reconhecem as melhorias advindas da instrução, malgrados todos os obstáculos para atingi-la, mas admitem as limitações deste processo. As mais idosas apresentam um grau de satisfação maior,

referenciado nas trajetórias tortuosas de sua escolaridade e nas lutas para a obtenção da terra; as mais jovens, beneficiando-se desta situação e reconhecidas, mas insatisfeitas e impacientes pela impossibilidade de se fixarem como assentadas em seus lotes. Este pequeno conflito de gerações encerra um quadro diverso e rico na vida dos assentamentos da Reforma Agrária e da impotência de seus atores em resolvê-los.

Referências

- AMORIM, Elisângela Santos de. *Trajatória educacional de mulheres em assentamentos da Reforma Agrária na região Tocantina - MA*. São Luís – MA: EDUFMA, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*; dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro – RJ: EDUERJ, 2010.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida*; a pesquisa e seus métodos. Natal – RN/São Paulo - SP: EDUFRN/Paulus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Revista Educação e Realidade*. jul./dez. 1995, vol.20, n.2, p.130-150
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*, - 2. ed. ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*; figuras do indivíduo-projeto. Natal – RN/São Paulo – SP: EDUFRN/Paulus, 2008.
- DEROUET, J.L. La profession d'enseignant comme montage composite. *Éducation Permanente*, n. 96, p. 61-71, 1988.
- DIAS, Ana Maria Iório *et alii*. *Terra e pedagogia*; práticas educativas e organizativas no campo. Fortaleza – CE: Edições UFC, 2008.
- DOMINICÉ, Pierre. *Cycles de vie et formation dès adultes*. Travail Social, 4, pp. 14-19, 1990.
- _____. *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: Édition L' Harmattan, 1990.

- JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: ____.(Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj; 2001.
- GALVÃO, Maria Neuma Clemente. *Educação ambiental nos assentamentos rurais do MST*. João Pessoa – PB: EDUFPB, 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010
- LE GOFF, Jacques. *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero, classe e etnia; trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis – SC/Chapecó – SC: EDUFSC/Argos. 2003.
- MANZKE, José Fernando. *Propuesta curricular para la educación de jóvenes y adultos campesinos en asentamientos de la Reforma Agrária*. São Luís – MA: EDUFMA, 2009.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Ed., 2000. Cap.5.
- NÓVOA, Antônio (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Ed., 2000
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Orgs.). *O método autobiográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2008
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo – SP: Letra e Voz, 2010.
- SÁ, C. A. *A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org